

**Uma personalidade seiscentista
quase desconhecida:
os aspectos da sua presença na
exploração mineira ao serviço do
Vice-Reino do Perú, ou nas funções
de arquitecto em Lima e Valdívia**

**An almost unknown seventeenth
century personality:
aspects of its presence in mining
exploration at the service of
the Viceroyalty of Peru, or as an
architect in Lima and Valdívia**

Manuel Cadafaz de Matos¹

Em evocação e em preito de gratidão aos Colegas
G. Lohman Villena e Aníbal Pinto de Castro

¹ APH (Lisboa) RAH (Madrid) - <https://orcid.org/0000-0002-3598-7509>. cadafazdematos@gmail.com

RESUMO

O autor analisa alguns contributos culturais e científicos de um engenheiro e arquitecto português, Constantino de Vasconcelos, c. 1600-1668, que viajou de Madrid para o Peru, servindo a Monarquia dual Filipina na primeira metade do século XVII, e esteve activo em cidades como Cuzco, Potosí e Lima. A sua acção extensiva a domínios da Metalurgia peruana (de que existe documentação elucidativa na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), principiou em 1629-30 naquele império, servindo o Bispo espanhol, D. Fernando de Vera y Zuniga, da Ordem de Santo Agostinho (desde o momento em que este foi indigitado pelo Rei de Espanha e confirmado pelo Papa Urbano VIII, como Arcebispo da diocese de Cuzco. Este viajante português, que trabalhou nas minas e estudou as condições técnicas da exploração da prata nas jazidas onde trabalhou, já não regressou a Portugal e é hoje estudado em Universidades norte-americanas pelos seus contributos à Arquitectura religiosa no Peru.

PALAVRAS-CHAVE

Constantino de Vasconcelos, ca. 1600-1668; D. Fernando de Vera y Zuniga; Bispo de Cuzco; Minas de prata de Potosí; Pe. Alonso Barba; Portugueses ao serviço dos interesses de Espanha; Arquitectura Militar de Valdívía.

ABSTRACT

The author analyses some cultural and scientific contributions of one unknown portuguese engineer and architect, Constantino de Vasconcelos, c. 1600-1668, who travelled from Madrid to Peru, serving Iberic empire the first half of XVII century, in cities such as Cuzco, Potosí and Lima. His action, inclusive in metallurgy domines (since documents existant in Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), began in 1629-30 in the empire, serving Spanish Bishop, D. Fernando de Vera y Zuniga, member of the Order of Saint Augustine (since he was appointed by the King of Spain and confirmed by Pope Urban VIII as Archbishop of the Diocese of Cuzco). This traveller, who has worked in the mines and has studied the technical conditions of the explored silver in the mines where he was present, has not returned to Portugal and he is now studied in North American universities for his contributions in the religious Architecture in that country.

KEYWORDS

Constantino de Vasconcelos, ca. 1600-1668; D. Fernando de Vera y Zuniga; Bishop of Cuzco; Potosí silver mines; Priest Alonso Barba; portuguese serving Spain interests; Valdivia militar architecture

Preâmbulo

A nossa tentativa de reconstituição das aventuras e desventuras do seiscentista português Constantino [Leytão] de Vasconcelos por terras que hoje constituem o Perú, a Bolívia e o Chile entre 1629 e 1668, só se tornou possível, no ano de 2002, num projecto de pesquisas que decorreu, primeiramente, na Universidade de Coimbra, em resultado do carinho que tal mereceu ao Prof. Aníbal Pinto de Castro (1938-2010), director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; e ainda na Real Academia de la Historia, Madrid, em resultado do apoio que recebemos para este projecto da parte do académico peruano Guillermo Lohman Villena (1915-2005).

Conhecendo-se o carinho especial de Aníbal Pinto de Castro pelo estudo do período dos séculos XVI e XVII – de que legou trabalhos de grande rigor como *Retórica e Teorização Literária em Portugal* (1973); e *De Montemor-o-Velho às ilhas do Japão. A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* [c. 1510-1583] e *o encontro de Culturas* (1993), tais circunstâncias faziam dele, nesse ano, mais do que o exímio conhecedor do vasto acervo da BGUC, um anfitrião que não se negou a então debates, a leituras por vezes críticas de documentos, ou a conselhos úteis.

Em resultado das pesquisas do investigador peruano Guillermo Lohman Villena² (confirmando a suposição de José de la Riva-Aguero³ em 1914), é hoje considerada que o texto da *Descrição Geral do Reino*

2 Discripción General del Peru, edição e estudo de Guillermo Lohman Villena, Madrid, Revista de Indias, Bustamante 1970.

3 José de la Riva-Aguero, “Descripción anónima del Perú y de Lima a principios del siglo XVII compuesta por un judío portugués y dirigida a los Estados de Holanda”, *Congreso de Historia y Geografía Hispano-Americanas. Actas y Memorias*, Madrid, 1914.

do Perú – redigido na primeira metade do século XVII – seja da autoria do cristão-novo português Pedro de León Portocarrero⁴, natural de Vinhais, em Trás-os-Montes. Trata-se de uma obra (e conhecendo nós a fonte existente na BNF em Paris) que importa à história da expansão portuguesa nas Américas e na qual, em várias passagens, está bem patente a acção de alguns nossos compatriotas que, sobretudo desde o último quartel do século XVI, ao tempo da monarquia dual filipina, deambulavam por tais paragens, uns movidos por razões de comércio outros de mera curiosidade científica.

Já beneficiamos hoje, em língua portuguesa, de uma versão do texto de tal Descrição, de 2013⁵. O nosso intuito é trazeremos aqui um contributo em afinidade, chamando particularmente a atenção para uma figura hoje praticamente desconhecida da historiografia seiscentista portuguesa em tais regiões sul-americanas, que resultou desse nosso aludido projecto conimbricense de 2002. O cerne destas nossas pesquisas centra-se, pois – e particularizando apenas um dos múltiplos aspectos da presença de Portugueses no Perú dos séculos XVI e XVII⁶ - nas acções do seiscentista Constantino [Leytão] de Vasconcelos.

4 Quando Guillermo Lohman Villena (em 1967, muito anos antes desta publicação) tirou quaisquer dúvidas acerca da autoria do presente livro, registou que este português se dedicava no Peru à compra e venda de mercadorias, onde acabaria, por motivos de intolerância religiosa, por ser perseguido. Veja-se, ainda, a edição desta Descripción..., Lima, Universidad Ricardo Palma, 2009 (com prólogo de Eduardo Huarag Álvarez). Numa das nossas cartas a Guillermo Lohman Villena, esta datada de 15 de Novembro de 2002, tivemos o ensejo de remeter para alguns dos elementos que até então já tínhamos reunido, em investigações em Lisboa na Torre do Tombo, de elementos biográficos de alguns dos mais proeminentes membros de um dos ramos da família portuguesa judaica dos Portocarrero, incluindo a sua associação (como testemunham os registos da Inquisição sevilhana) a Vinhais, onde poderá ter nascido em 1578.

5 Portocarrero, Pedro de León, Descrição Geral do Reino do Perú, em particular de Lima, edição de Isabel Araújo Branco, Margarita Eva Rodríguez García, Teresa de Lacerda, com tradução para a língua portuguesa por Isabel Araújo Branco e Ana Silva, notas de António Castro Nunes, Lisboa, Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, CHAM e Universidade dos Açores, 2013. Veja-se, sensivelmente do mesmo período, Roa, Alfredo Palacios (da Univ. São Tomás, de Santiago do Chile), "Pedro de León Portocarrero y su breve descripción del Reino de Peru", *Temas Americanistas*, 28 (2012), pp. 42-51.

6 Ventura, Maria da Graça Mateus, *Portugueses no Peru ao tempo da União Ibérica. Mobilidade, Cumplicidades e Vivências*,

Da partida de Constantino de Vasconcelos, na companhia do Bispo de Cuzco com destino à América do Sul às suas primeiras acções no Perú

Na Corte de Filipe IV de Castela e Portugal, na primeira metade do século XVII, os clãs dos Vera e dos Zúñiga desfrutavam de um significativo poder⁷. A um deles se encontrava associado Fernando de Vera y Zúñiga, frade da Ordem de Santo Agostinho, então eleito Bispo de Cuzco na América latina.

Quando este dignitário da Igreja recebeu instruções para partir, em 1629, para Cuzco, no Vice-Reino do Perú, levou naturalmente consigo alguns dos seus *homens de mão*. Entre estes contou-se um cidadão da região bracarense, de nome Constantino de Vasconcelos, tratando-se de uma figura que (com honrosas excepções) é praticamente desconhecida da historiografia portuguesa seiscentista.

É bem provável que a relação de Constantino de Vasconcelos, em Madrid, com esse Bispo, tenha ocorrido como uma consequência natural de o bracarense ter conhecido, primeiramente, em meios cortesãos, várias figuras daqueles dois clãs.

Fernando de Vera y Zúñiga tinha nascido na cidade de Mérida em 1598 de família aristocrática. Veio a ser ordenado, ainda relativamente muito novo, como frade da Ordem de Santo Agostinho. Entretanto em 17 de Fevereiro de 1614, foi designado, pelo Papa Paulo V, como Bispo Auxiliar de Badajoz em Espanha e, depois, como Bispo titular de Bugi.

Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. I, t. 1. Esta autora, cingindo-se ao período da monarquia dual filipina, inventaria um conjunto de c. 1400 entidades portuguesas que terão vivido ou passado (em tal período) por aquele território sul-americano.

7 Matos, Manuel Cadafaz de. “Dúvidas e acertos sobre uma figura quase desconhecida em Portugal, ao tempo da Monarquia dual Filipina: o caso de Constantino [Leitão] de Vasconcelos na sua vida entre Braga e Madrid (entre c. 1610 e 1629) e nas suas relações com os clãs castelhanos dos Vera e Zúñiga”, in *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, 2022, pp. 125-179. Aí foi abordado pelo autor a primeira fase das actividades deste bracarense, desde o seu nascimento até à sua partida para a América latina.

Anos depois, em 13 de Novembro de 1628, o seu nome foi indigitado pelo rei de Espanha – e confirmado pelas mais altas instâncias do Vaticano – como Arcebispo de Santo Domingo, na América Latina. Já em 8 de Março do ano seguinte, ele foi apontado pelo rei de Espanha – e naturalmente confirmado depois pelo Papa Urbano VIII – na qualidade de Arcebispo da diocese de Cuzco⁸, no Perú.

Tudo parece apontar que a nau onde aquele alto dignitário viajou com os seus seguidores, partiu do porto de Sanlúcar de Barrameda (não muito distante de Sevilha). Admitimos como possível que o Bispo de Cuzco e Constantino [Leitão] de Vasconcelos, pudessem ter seguido na mesma nau do recém-eleito Vice-Rei D. Luis Jerónimo Fernández de Cabrera Bobadilla Cerda y Mendoza, Conde de Chinchón⁹ (Madrid, 1589-1647) que ia tomar posse daquele alto cargo.

Chegado a Lima, D. Fernando Vera y Zúñiga encontrava-se investido de uma missão evangelizador muito específica. Assim ele seguiu dali - então já movido por uma assinalável curiosidade cultural e científica pelos costumes da região desconhecida que o acolhia¹⁰

8 Nessa data do embarque, este dignitário da Igreja estava destinado a servir, na América latina, como Arcebispo, a diocese de Santo Domingo (só que no mesmo ano passaria para a diocese de Cuzco, servindo aí até à sua morte, em 9 de Novembro de 1638).

9 Luis Jerónimo Fernández de Cabrera Bobadilla Cerda y Mendoza, Conde de Chinchón, era oriundo de uma família próxima do rei Filipe IV de Castela (e III de Portugal). Seus pais (primos em primeiro grau) foram D. Diego Fernández de Cabrera, III Conde de Chinchón e D. Inés Pacheco (esta, por sua vez, filha do Marquês de Villena e Duque de Escalona, Diego López Pacheco, e de Luisa Bernarda de Cabrera Bobadilla, III Marquesa de Moya). Assim, D. Luís Jerónimo de Cabrera veio a ser empossado como Vice-Rei de Nova Castela (Perú), em Janeiro daquele mesmo ano de 1629. Importará não esquecer, ainda, que ao longo dessa sua governação, entre aquele ano e o de 1639, ele não só reprimiu uma revolta dos índios Uru e Mapuche como, ainda, tomou a decisão de empreender uma terceira expedição com vista à exploração da bacia do Amazonas (de longo percurso como é sabido). Esta expedição, dirigida por Cristóbal de Acuña, surgiu ao tempo da realizada por parte do português Pedro Teixeira nessa mesma ampla região fluvial.

10 Essa curiosidade intelectual, por parte de um bispo castelhano no Peru, viria a atingir, século e meio depois, uma das suas mais distintas caracterizações quando, entre 1782 e 1785, D. Jaime Martínez Compañón, Bispo da diocese de Trujillo, andou pelo norte dessa região e pelas zonas de Piura, Lambayeque, Libertad, Cajamarca, Chachapoyas, San Martín y Loreto (na sua qualidade de responsável espiritual pela circunscrição que lhe estava atribuída), recolhendo materiais diversos. Veja-se o caso

- para a cidade de Cuzco, no interior do Peru, localizada a uma significativa altitude e com um clima muito particular, nas alturas da lendária região de Macchu Picchu¹¹.

Nessa cidade se instalou, tendo sempre em sua companhia o bracarense, Constantino [Leitão] de Vasconcelos. Não chegaram até nós quaisquer escritos que evidenciem a opinião com que Constantino [Leitão] de Vasconcelos ficou, desde a sua chegada aí em 1629, desta cidade de planalto.

Deve registrar-se, porém, que, na sua história relativamente próxima, nos primeiros anos daquela colônia castelhana, os sobreviventes do império inca haviam sustentado uma acesa luta. Havia sido quase um século antes que, no ano de 1536, o histórico Manco Inca tinha principiado um combate sem tréguas contra os visitantes, e formado a dinastia dos Incas de *Vilcabamba*. Esta guerra específica havia terminado já em 1572, precisamente em resultado de o designado como último *inca*, Tupac Amaru I, ter sido derrotado, capturado e enforcado (apesar de alguns testemunhos terem referenciado que ele foi decapitado).

Quando Fernando Vera y Zúñiga chegou a Cuzco, cidade de planalto, ela já se tinha tornado num importante centro comercial e cultural dos Andes centrais, posicionando-se nas rotas entre Lima e Buenos Aires¹². Tal centro urbano – designado em língua quíchua *Qosqo* ou *Qusqu* (e que significa umbigo “do mundo”) – encontra-se situada no sudeste do Vale de Huatanay, tendo em tempos anteriores sido a capital do *Tahuantinsuyu*, ou império Inca.

do *Códice Trujillo*, hoje no Real Palácio, em Madrid, integrando uma série de nove manuscritos com abundantes ilustrações, num número superior a 1400.

- 11 Pretende-se significar, naquela região precisamente de Cuzco, a antiga cidadela pré-colombiana, da qual hoje não restam senão ruínas.
- 12 A administração central daquele Vice-Reino acabara por optar, como capital, pela cidade de Lima, fundada dois anos depois da tomada de Cuzco, em 1535. Tomou tal decisão sobretudo em razão da proximidade desta urbe com um porto natural, neste caso o de Callao, criando assim o espaço nevrálgico, político e administrativo, daquela colônia na América do Sul.

Tanto em Castela, como em outros meios comerciais da Europa do ocidente, já se conhecia bem, neste período, do posicionamento de Cuzco e da mais valia dos produtos, sobretudo auríferos e argênteos, que ali chegavam desde aquelas paragens.

Da observação no *terreno* (1629) da cidade de Cuzco, às observações da mesma em *diferido* desde a Alemanha

Decorria já cerca de um século desde que, em 16 de Novembro de 1532, Francisco Pizarro (1476-1541), à frente de uma pequena força militar, havia chegado à cidade peruana de Cajamarca¹³. Na circunstância, ele deixara então ficar uma parte do seu exército no exterior da urbe, aceitando um convite do imperador Atahulpa para um jantar. Com os propósitos de conquista que caracterizavam aquela força europeia, Pizarro não só assassinara a guarda de honra daquele dirigente indígena como também o aprisionara. No ano seguinte, por sua vez, esse conquistador não só havia invadido Cuzco com tropas indígenas (depois de diversos confrontos) como acabara por derrubar o *Tahuantinsuyu* (ou império inca)¹⁴. Cerca de três décadas e meia depois, já estes

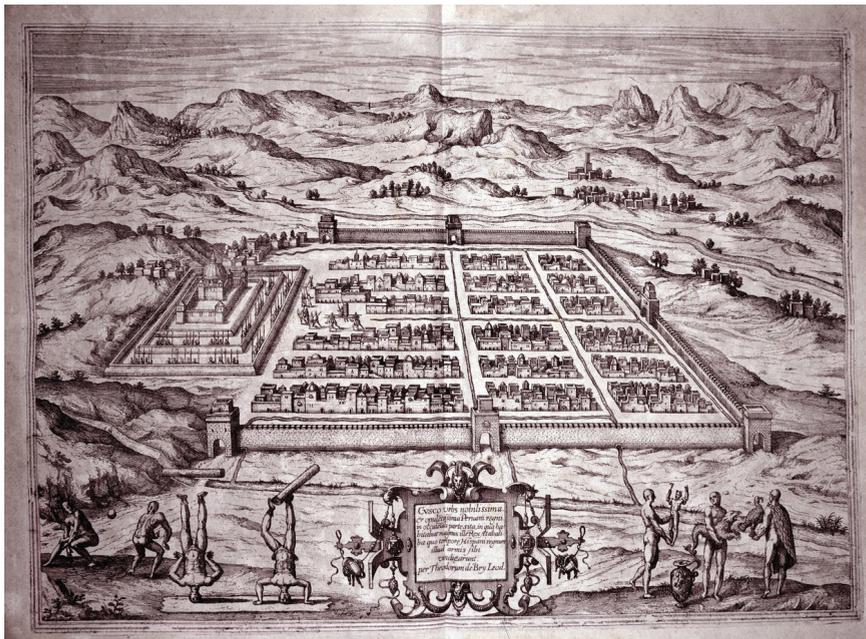
13 Esta cidade localiza-se na região norte do actual Perú (um pouco a nordeste da cidade de Trujillo).

14 Nesse período quinhentista de meados da década de 30, Francisco Pizarro havia avaliado mal a localização desta cidade de Cuzco onde agora o português Constantino [Leitão] de Vasconcelos, a acompanhar o seu Bispo, acabava de se instalar. Esse castelhano havia julgado que a capital Cuzco estava muito distante naquele altiplano. E, assim, acabara por fundar a cidade de Lima, em 18 de Janeiro de 1535. Só que, nesse período, as forças Incas haviam tentado, tudo por tudo, para retomar Cuzco. Estes nativos acabaram por conhecer uma clara derrota, ante as forças lideradas por um outro castelhano, Almagro, que entendeu (face a tal vitória militar) tomar essa praça para si. A partir daí, recorde-se, ele entrara em disputa da posse de tal praça com o próprio Pizarro, que, na própria cidade de Cuzco não só o vencera como mandara executar, em 1538.- A estes factos se faz alusão na crónica de Hieronymus Benzonus (de Milão), *Historiae... scriptae, sectio tertiae, res nominus nobiles & admiratione plenas continens, quàm praecedentes duae. In hac enim reperies, qua ratione Hispani opulentissimas illas Peruani regni provincias occuparint, capto Rege Atabaliba: deinde orta inter ipsos Hispanos in*

factos eram relatados na Europa numa crónica de 1565 do italiano Girolamo Benzoni (1519-c. 1572)¹⁵, difundida desde o império germânico. Efectivamente o estado de urbanização de Cuzco que Constantino [Leitão] de Vasconcelos aí foi encontrar era um tanto diferente daquele que, na década de 50 do período quinhentista Girolamo Benzoni aí encontrara¹⁶, ou daquele que, já em 1596¹⁷ (à distância dos factos reais), tinha sido dado a conhecer à Europa por Theodore de Bry.

eo regno civilia bella... Omnia elegantibus figuris in aes incisus expressa à Theodor de Bry Leodicive autem Francofurtense, Aº. M.D.XC.VI Cum privilegio S. C. Majestatis. Um exemplar desta obra original quinhentista encontra-se hoje nos Estados Unidos da América, na Brown University, Providence, nas colecções da Biblioteca John Hay Library, "Hay Military", v. 6a e 6b.

- 15 Girolamo Benzoni (1519-1570), nas décadas de 40 e 50 do período quinhentista, depois de ter estado em Cuba, visitara o Perú. Ele estivera em particular na cidade de Cuzco, onde presenciara interessantes acontecimentos (nessa época ele viajara de igual modo pelo Panamá e pela Nicarágua), cerca de duas décadas após os acontecimentos de conquista levados a cabo por F. Pizarro. Escreveu, depois, a bem conhecida obra *La historia del mondo nuovo...* a qual tratta delle isole et mari nuovamente ritrovati, abordando a temática do Peru no seu terceiro livro (Veneza, Francesco Rapazetto, 1565); com novas edições, de 1572, a pedidos dos irmãos Pietro e Franco Tino; de 1595 e de 1996). Esta obra específica viria, após essa data, a beneficiar de uma sugestiva fortuna divulgativa, num total de 32 edições, com diversas variantes textuais. De sublinhar ainda que no regresso deste autor da América Latina a Itália ele passou pela ilha da Madeira, região sobre a qual também escreveu. Importará referir ainda que Benzoni, na redacção desse seu presente trabalho, chegou a recorrer à utilização de textos de outros autores como o tratado *Delle Navigationi et Viaggi* (3 vols., de 1550-1606), de Giovanni Battista Ramusio, e a *Historia de las Nuevas Indias Occidentales* (de 1560), pelo que a crítica moderna chegou a acusá-lo de plágio.
- 16 Cfr. Jana Byars; Robert C. Schwaller, eds. (2017). "Introduction", *The History of the New World: Benzoni's Historia del Mondo Nuovo*, Pen. State University Press; Angela Enders e Elisabeth Fraser, "An Italian in the New World, Girolamo", *Dispositio*. 17 (42/43), 1992, pp. 21-35; e Ronald H. Fritze (2019). "Book Review – *The History of the New world: Benzoni's*, in *Historia del Mundo Nuovo*", in *Terrae Incognitae*, 51 (3), 2019.
- 17 O capítulo do texto sobre a cidade de Cuzco, da *Descripción geral ... del Peru*, de Portocarrero - que Lohman Villena veio a fixar pouco depois desta data (aqui mencionada) de 1596 - inicia-se com uma clara menção à sua soberania sobre todas as outras cidades nativas da região: "foi a cabeça de todo a região peruana, lugar da Corte dos poderosos soberanos incas, detentores de um enorme poder, os reis que impuseram mais temor".



Gravura com a planta da cidade de Cuzco, tal como foi editada por Théodore De Bry, em Francoforte, em 1596, no conjunto das gravuras que ilustravam a sua obra *América*, Parte VI

Em rigor importa deixar bem claro que este De Bry (como outros do seu clã) não chegara(m) a visitar a América, nunca tendo saído da Europa¹⁸. Quando ele havia publicado na Alemanha, em fins de século, a planta daquela cidade peruana (na sua já referida edição, a partir dos textos do livro III de Girolamo Benzoni), esse seu olhar sobre Cuzco divulgado pelas técnicas do impresso tal não resultara de uma observação presencial no terreno (como a deste bracarense, em 1629).

18 Esta faceta específica é acentuada por Michel van Groesen (professor de História Marítima na Universidade de Leyden) e por Larry E. Tise (professor “Wilbur e Orville Wright”, na Universidade da Carolina do Norte, EUA), na introdução conjunta à reedição de Théodore de Bry, *America, Toutes les planches 1590-1602*, Colónia, Taschen, 2019, p. 7.



À esquerda, frontispício da obra de Girolamo Benzoni, *La Historia del Mondo Nuovo* di M. Girolamo Benzoni Milanese. *La Qual Tratta dell'Isolle & Mari Nuovamente Ritrovati & delle Nuove Città da lui proprio vedute, per Acqua & per Terra in Quattordeci Anni* (autor que havia visitado o Peru) na fase final da sua vida, Veneza, Pietro e Francesco Tini, 1572; à direita, retrato de Théodore de Bry (1528-1598), o qual não viajou além da Europa

Essa gravura aí publicada advinha, isso sim, do olhar *distanciado*¹⁹ de outrem, com todos os inconvenientes que daí houvesse. Só que em 1629 Cuzco já tinha, de um ponto de vista de estrutura urbanística, conhecido algumas boas alterações.

Das primícias da inclinação do jovem Constantino, para a História de Arte ou a representação artística, ao triunfo em Lisboa do movimento que restaurou a independência de Portugal em Dezembro de 1640

Uma das primeiras atitudes conhecidas do jovem bracarense Constantino, na cidade de Cuzco, foi ter mudado o seu apelido – originaria-

19 Trata-se da tipologia etnológica do *regard éloigné*, de que fala o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss.

mente *Leitão* (conforme documentou Maria Dolores Crespo Rodrigues²⁰) – para Constantino de Vasconcelos. A partir daí o seu apelido inicial de Leitão não o detectamos mais em qualquer documento a seu respeito.

Já em Fevereiro de 1632, por seu lado, para além de auxiliar do Bispo, D. Fernando de Vera y Zúñiga, ele parece ter valorizado localmente o seu próprio estatuto social naquela comunidade. Ele acabou então por ser eleito mordomo da própria cidade, que tinha como um dos seus santuários de maior notoriedade, a igreja da Companhia de Jesus.



Cuzco: a igreja da Companhia de Jesus, na Praça de Armas, construída sobre o templo Amarucancha (que era o Palácio do Inca Huayna Cápac)

O bracarense (que atingira havia pouco os 30 anos de idade) - quando já vivia há mais de dois anos nessa cidade peruana - pareceu a partir deste período de inícios dessa década ter interesses em dar uma nova imagem de si próprio ou da sua formação académica. Um dos primeiros elementos que a crítica histórica tem acentuado a este respeito – e que revela, já, uma inclinação deste para o domínio das Artes e da representação artística – é uma medalha em ouro, que então parece ter dese-

20 Maria Dolores Crespo Rodrigues, “Constantino de Vasconcelos”, no Dicionário de personalidades da Real Academia de la Historia (on line), Madrid.

nhado ou mesmo cunhado, com as armas precisamente daquele seu Bispo e patrono.

O aprofundamento (em 1632 e anos seguintes) das bases genealógicas de D. Fernando, que vieram a ser editadas sob pseudónimo

Constantino de Vasconcelos manteve-se, durante pelo menos três anos, nessas suas actividades junto ao aludido Bispo em Cuzco. Entretanto este religioso, a partir de 1632, nos tempos em que os seus múltiplos afazeres lho permitiam, passou a dedicar-se ao aprofundamento das suas bases genealógicas.

Deste modo, presumivelmente em 1633 ou no ano seguinte, Fernando de Vera y Zúñiga procurou um impressor activo em Lima que lhe pudesse imprimir tal trabalho. Veio a ser, precisamente, o tipógrafo Jerónimo de Contreras quem se veio a encarregar, em 1635, desse serviço.

Aconteceu então, porém, que este Bispo entendeu que tal investigação histórica não deveria sair sob o seu nome verdadeiro nome. Criou assim, para tal efeito, o pseudónimo de Francisco de la Puente.

Deste modo em 1635 – tinham já na altura decorrido dois anos desde que Constantino de Vasconcelos havia trocada a residência em Cuzco pela de Oruro - foi finalmente dada à estampa em Lima a obra *Tratado breue de la antiguedad del linaje de Vera, y memoria de personas señaladas del, que se hallan en historias, y papeles auténticos*, subscrita precisamente sob o aludido pseudónimo Francisco de la Puente (1635), fls. 1-10.

Esse nome original associado a tal pseudónimo andou durante décadas sem ser conhecido. Foi preciso esperar até aos fins do primeiro quartel do século XVIII para que Juan Lucas Cortes viesse trazê-lo à

luz da ribalta²¹. Tratava-se, afinal, de um tipo de memorialismo de alguém que se sentia estar a aproximar-se o fim da própria vida²².



Itinerários seguidos neste período por Constantino de Vasconcelos, neste período em que a actividade dominante era a exploração mineira.

- 21 Foi precisamente em 1724 que Juan Lucas Cortes (também conhecido como Franckenau) chamou a atenção acerca da verdadeira identidade que se escondia por detrás do nome de Francisco de la Puente ou seja, “*Don Frey Ferdinandus de Vera, Archi-Episcopus & Cuzcensis Peruvianus, sub Don Francisci de la Puente Burgensis, Presbyteri Cuzcensis nomine* Limae, Peruviani Regni Metropoli anno 1635” Cfr. Gerhardus Ernestus de Franckenau (=Juan Lucas Cortes), *Bibliotheca hispanica historico-genealógico-heraldica*, Lipsiae, Sumptibus Maur. Georgii Ewidmanni, 1724, p. 118; ou, ainda, C. D. Moral (2013), p. 43, n. 72. Em colaboração estreita com o latinista português Dr. Miguel Pinto de Meneses (1917-2004), já desaparecido - de quem editámos, da sua lavra, há uns anos as versões portuguesas de obras latinas de Damião de Góis e de André de Resende - detemos hoje, na biblioteca do CEHLE, o original do dactiloscrito integral da sua versão, também do latim, da vasta obra de Franckenau.
- 22 O Bispo de Cuzco acabaria por vir a falecer, naquela cidade peruana, em 1638²¹ (num período em que a política de Castela no Vice-Reino da Nova Espanha, já passava a conhecer uma nova fase política, desde a entrada em funções do novo Vice-Rei, com todas as prerrogativas régias). Esta mudança ocorreu ainda antes do falecimento deste dignitário da Igreja, só que quando do seu passamento o seu homem de mão bracarense já não se encontrava mais, como vimos atrás, em sua companhia, dado que havia tentado seguir profissionalmente o rumo da exploração mineira.

Já em 1633, com efeito, Constantino Vasconcelos havia sentido vontade de ir desempenhar naquela colónia outro tipo de funções. Ele optou assim por seguir no sentido da exploração mineira, em alguns trabalhos um pouco a sul dessa mesma cidade de Cuzco, neste caso na vizinha vila mineira de Oruro (que actualmente integra a Bolívia).

Este centro argênteo de Oruro²³ da então colónia peruana – onde os missionários europeus chegaram e fundaram uma igreja votada Virgem do Socavono, ligeiramente a norte do lago Poopó - localiza-se numa altura ainda superior à de Cuzco, neste caso, a mais de 3700 metros de altitude.



Igreja da Virgem do Socavón, na vila de Oruro (hoje boliviana) naquele antiplanalto.

Aí ele passou então a laborar, com efeito, na exploração das jazidas de prata (nas quais decorriam, à época, acções de perfuração no terreno com vista à identificação das suas possíveis extensões e riqueza). Os dados em presença apontam que ele exercia esse trabalho com profissionalismo e competência técnica, desconhecendo-se

23 Esta localidade de Oruro situa-se actualmente, dentro das fronteiras da Bolívia. Acerca das antigas explorações mineiras nesta localidade, veja-se Beltrán y Roxfide, Ricardo, *Collección de las Memórias o Relaciones que escribieron los Virreyes del Perú...*, em particular na secção "Minas antiguas y modernas.- Oruro, Castro Virreina y Nuevo Potosi" (fundos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), Madrid, 1921, pp. 251 e sgts.

apenas se ele já detinha, por essa época, algum conhecimento desse tipo de trabalho manifestamente diferenciado.

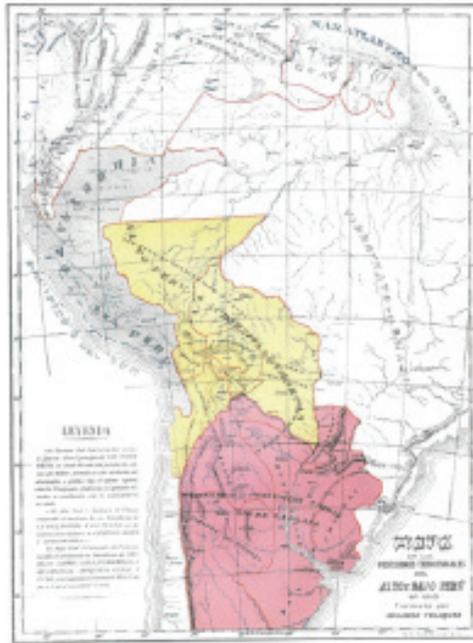
A actividade mineira do português de certo modo a par com a desenvolvida em outros centros daquela região, nesse período, pelo Pe. Alonso Barba, castelhano

A permanência de Constantino de Vasconcelos nas minas de Oruro não terá sido muito dilatada no tempo. Afirmamo-lo na medida em que, algum tempo depois ele já se encontrava a desenvolver idêntico mister nas minas de Potosí, ligeiramente mais a sudeste. Eram à época diversas as explorações de prata (e de ouro, embora em menor escala) activas naquele então Vice-Reino do Perú. As mesmas, quanto a trabalhos de incidência técnico-doutrinal de algum relevo, já havia beneficiado naquela época seiscentista, na região, de um criterioso estudo por castelhano Pe. Alonso Barba (1569-1662)²⁴.

Importa neste passo destacar que já em 1588 o Pe. Alonso Barba, havia viajado de Castela para o Perú. Anos depois, o presidente da Audiência de Charcas, Juan de Lizarazu – conhecendo já alguns dos trabalhos de pesquisa que ele produzira (na pegada dos que Georgius Agricola, alquimista e mineralogista havia escrito já no século XVI) sobre as jazidas de minérios nobres naquele território, desenvolveu todas as acções de modo a valorizar os textos e as descobertas daquele prelado. Fê-lo, muito em particular, tendo em vista aprofundar os conhecimentos (e resultados práticos) quanto à exploração de minas como a de Potosí²⁵ onde chegou também sensivelmente neste período o português Constantino de Vasconcelos.

24 Este religioso era natural de Leppe, em Castela.

25 O Pe. Alonso Barba desempenhou a sua actividade em localidades como Tarabuco, Tiwuanaku, Chuquisaca, Lipes, Porco, Pacajes, Oruro, Potosí [nestes dois últimos casos na mesma ordem que o português e a uma não muito grande distância temporal]. Ele fez culminar, por outro lado, a sua vida sacerdotal a partir de 1644 com o desempenho de diversos cargos na igreja metropolitana de La



Em cima, mapa do Alto do Perú ou Audiência de Charcas, com representação de Rio de la Plata; (em baixo) gravura da região mineira peruana de Potosí, com particulares riquezas a serem exploradas já no século XVII e onde laborou também o português Constantino de Vasconcelos presumivelmente ainda na segunda metade dessa década de 30.

Plata. Sobre as suas actividades técnicas veja-se, ainda, Gomes, J. Sanchez, "Pe. Alonso Barba", *Diccionario de personalidades, Real Academia de la Historia*, Madrid.- Sobre as explorações mineiras de Potosí veja-se Beltrán y Roxfide, Ricardo, *Colleción de las Memórias o Relaciones que escribieron los Virreyes del Perú...* (BGUC), Madrid, 1921; e, em particular a "Relación que el Principe de Esquilache hace al Señor Marqués de Guadalcázar sobre el estado en que deja las Provincias de Peru. Gobierno general./ Las minas de Potosí y Guancavelica...", pp. 216 e sgts.

Poderia muito bem ter estado relacionada com Potosí – onde havia sido criada já em 1575, a Casa de la Moneda (associada a essa exploração) - a Bacia de prata peruana, já datada por especialistas de entre c. 1600 e c. 1620, onde surge punccionado o nome de D. Catalina de Legros y Cordoba com representações avícolas e vegetalistas, que hoje se conserva em Madrid no Museu de Artes Decorativas.

A intenção de Juan de Lizarazu fora a de que os estudos mineralógicos de tal prelado viessem a ser traduzidos e divulgados (como o vieram de facto a ser, mais tarde, em Castela) pelas técnicas da imprensa de forma a enriquecer a produção científica da época nesta vertente específica.

Deste modo já em 15 de Fevereiro de 1637 Alonso Barba fez entrega a Lizarazu dos originais de um seu livro originariamente intitulado *Arte de los metales*²⁶, onde era apresentada uma vasta descrição da riqueza argentífera do subsolo sul-americano afecto ao império hispano-luso.

Segundo Julio Sánchez Gómez, esta

foi a obra mais importante de metalurgia aparecida no século e, ao mesmo tempo um acabado compêndio do saber técnico em metalurgia nesse momento e um conjunto de propostas originais do próprio Barba, no que mais apelativa é a modernidade da sua forma de conceber os processos que descreve.

Este sacerdote castelhano e mineralogista dividiu esta sua *Arte* em cinco livros. No primeiro, o leitor detecta a presença das ideias alquímicas de Barba, no plano da formação dos metais, a sua trans-

26 Cfr., a propósito, dos contributos doutrinários do Pe. Alonso Barba, no universo da exploração e tratamento da prata, os trabalhos de Eugenio Maffei, Ramón Rua Figueroa, Ramón, *Apuntes para una Biblioteca Española de libros, folletos y artículos, impresos y manuscritos, relativos al conocimiento y explotación de las riquezas minerales y a las ciencias auxiliares*, Madrid, Imprensa de J.M. Lapuente, 1871, pp. 61-65; Miguel Calvo e Emilia y Sevillano (1998) «Alvaro Alonso Barba y el Arte de los Metales», in *Química e Industria*, 45, 1998, pp. 106-111; Berta Marco Stiefel “Diez años de actividad químico-orgánica en el Instituto Alonso Barba (1939-1949)”, in *Revista Arbor* (163), pp. 319-347; ou, mais recentemente, Júlio Sánchez Gómez, “Álvaro Alonso Barba”, in *Diccionario de personalidades* (on line), Real Academia de la Historia, Madrid.

mutação, a oposição quente-frio, sendo porventura a parte da obra que recebeu mais duras críticas.

O segundo livro trata da descrição dos procedimentos então utilizados para *amalgamar* a prata. É nele que, porventura mais claramente se revela a modernidade do pensamento do Pe. Alonso Barba. É aqui publicada, pela primeira vez, uma descrição de procedimentos técnicos que decorriam à época no Perú entre os operadores nas jazidas mineiras. Na descoberta e desenvolvimento de todo esse processo técnico da *amalgamação* poderiam ter estado presentes quer Pedro Fernandes de Velasco (no México em 1566), o que poderá ser também provável. O registo técnico mais antigo continua a ser, porém, o missionário castelhano Pe. Joseph de Acosta²⁷, que estivera activo no Perú entre 1570 e 1585.- Ver **ANEXO I**.

Melhoram-se, neste passo do teor do livro, as formas de tratamento para o *desaçougar*, recorrendo-se inclusivamente à utilização de moinhos. No terceiro livro o autor abordou o processo (da sua própria invenção) e da forma de *amalgamar*²⁸ a quente.

O livro quarto dedicou-o o autor ao benefício da fundição, no que concerne mais em particular aos minerais de prata. Neste âmbito descreveu os diferentes tipos de fornos, tanto para fundição como para ensaio e calcinação de produtos. Por último, o quinto livro dedicou-o à separação da prata e do ouro. Abordou ainda, neste campo, entre diversas outras matérias, a utilização de retortas tabuladas de barro. Aí era feita, de igual modo, uma descoberta fundamental para a exploração da prata, o método de *los cazos* de modo a poder-se extrair a prata a quente.

Foram de facto esses originais manuscritos do Pe. Alonso Barba que, à época da presença de Constantino de Vasconcelos nas minas de Potosi, foram remetidos do Vice-Reino do Peru para o *Consejo de*

27 Acosta, Pe. José, S.J., *Historia Natural y Moral de las Indias* (edição ant. cit.), Sevilla, 1590, com tradução para a língua inglesa de Edward Grimston, Londres, 1604, republicada pela Hakluyt Society, 1880. De referir ainda que o Pe. José de Acosta nasceu em 1540 e passou os anos entre 1570 e 1585 no Peru; e o de 1586 no México.

28 Este termo técnico perspectiva-se no sentido de analisar e preparar uma liga de mercúrio com outro metal.

las Indias, em Sevilha. Assim o livro acabaria poucas semanas depois de ali chegado por ser mandado imprimir em Madrid, na Imprensa Régia, em 1640²⁹, com resultados sobretudo imensamente favoráveis para as jazidas de prata em exploração à época na América latina.



Frontispício de *Arte de los metales en que se enseña el verdadero beneficio de los de oro, y plata por azogue*, Madrid, Imprensa Régia, 1640.

Constantino Vasconcelos, contemporâneo do Pe. Alonso Barba: um aprendiz bracarense disponível, quanto ao saber empírico e aos conhecimentos (renovados) da mineração no período seiscentista

Pode referir-se assim que, nesse período seiscentista, as inovações de Constantino de Vasconcelos no campo da exploração mineira e da prata – à qual se dedicava, ainda (como veremos adiante), nos trabalhos que desenvolveu em Huancavelica entre pelo menos 1643 e 45 – trouxeram algum sentido de novidade. Deve ter-se sempre presente, no entanto, algum recato e afirmarmos – nas devidas pro-

²⁹ Este prelado e investigador voltaria mais tarde a Castela – onde se encontrava em 1659 – mas teimou, ainda, em ir viver os últimos dias no Perú no que conseguiu ser bem sucedido, acabando por aí falecer em 1662.

porções – que ele, tal como o seu antecessor português, Henrique Garcés (c. 1522-c. 1593-1596), nessa mesma esfera de actividade mineira peruana nunca teve o mesmo papel (num sentido da inovação teórica de que desfrutou o Pe. Alonso Barba.

À presente data e face aos conhecimentos disponíveis sobre o bracarense seiscentista Constantino de Vasconcelos, não dispomos de elementos que comprovem quaisquer aspectos– nem em Oruro, nem em Potosí – de uma sua interacção, directa ou indirecta, com o Pe. Alonso Barba.

Da nomeação de D. Pedro Álvarez de Toledo y Leiva, Marquês de Mancera, como Vice-Rei do Perú em 1639. Um caso de *cripto*-História: a pretensa expedição peruana do Almirante hispânico De Ponte [ou da Ponte]

No período seiscentista, nessa segunda metade da década de 30, na actividade no império Hispano-português, as actividades de Constantino de Vasconcelos são mais um caso em que os acontecimentos vividos se caracterizam pelas suas deambulações à volta dos mais influentes *círculos do poder* na região.

Em Dezembro de 1639 esse Conde de Chinchón, Luis Jerónimo de Cabrera, cessou em Lima as funções de Vice-Rei que ali havia desempenhado durante cerca de uma década. No primeiro semestre do ano seguinte, aquele aristocrata regressava a Madrid, sendo então empossado como Conselheiro de Estado. Passou depois a acompanhar o rei Filipe IV de Castela (e III de Portugal) na sua campanha por territórios de Navarra, Aragão e Valência.

Esse foi também o período em que, a partir de 1 de Dezembro de 1640, o movimento de conjurados, presidido pelo Duque de Bragança, restituiu a Portugal a sua independência política. Este ficou, então, a presidir aos destinos do reino centenário sob o nome de D. João IV (e enfrentando uma prolongada Guerra da Restauração precisamente contra Castela).

Se se pudesse, por outro lado, acreditar na veracidade de alguns documentos relacionados com este período da vida costeira peruana – em particular em algumas fontes documentais editadas, algum tempo depois, num jornal (de começos de setecentos) de características populares, em Londres – poder-se-ia dizer que cerca de três depois da cessação de funções, como Vice-Rei da Nova Castela, do Conde de Chinchón (em Dezembro de 1639) haveria um facto não menos relevante a registar ali. Só que veio a provar-se que tal documento, que iremos agora sumariamente abordar, não passou de um apócrifo.

Nesses fins da quarta década do período seiscentista, mais precisamente em 1639, vários historiadores escreviam, empolgantemente, das navegações com vista a ser encontrada no norte do globo terrestre, naquelas águas parte do tempo geladas, uma passagem do Noroeste para o Oriente. Tal passagem (que se previa saísse do lago Hudson (na região norte do actual Canadá) permitiria, no campo meramente das hipóteses teóricas e da lenda, viajar desde os mares ditos das regiões norte-ocidentais ao encontro dos mares que possibilitavam o acesso às águas que conduziam à China e ao Japão.

Dando crédito a esses documentos pretensamente originais – que se veio a concluir serem apócrifos – teria vivido então no Perú um cidadão ibérico – houve mesmo quem vaticinasse tratar-se de um português de nome Bartolomeu De Fonte³⁰; ou Bartolomeu da Fonte – que em 3 de Abril de 1640 saíra do porto peruano de Callao com tais objectivos de descobrimento da passagem do Noroeste (ligando como se disse o norte da Amé-

30 Moral, Carmen Delgado, *El Panegirico por la Poesía en la Preceptiva poética del Siglo de Oro*, Universidade de Córdoba (dissertação de doutoramento), 2013, p. 17, n. 5). Esta autora estabeleceu “ser um facto claramente constatável a presença deste apelido [De Fonte] nas listas da Inquisição [castelhana], sempre referentes a processos de judaísmo”. E adianta que tal sucedeu com “o auto de fé sevillano contra o doutor Constantino da Fonte, relaxado em estátua, acusado no século XVI de ser seguidor de Lutero (1483-1546) e de posse de uma oficina tipográfica clandestina. Acerca desta matéria veja-se Álvarez, Carmen Fernández Daza, *Juan Antonio de Vera, I Conde de la Roca (1583-1658)*, Badajoz, Disputación Provincial, 1994, p. 47; ou, ainda, Gil, Juan, *Los conversos y la inquisición sevillana*, vol. I, Universidade de Sevilha, 2000, p. 342.

rica aos mares da China³¹). Este pretenso contemporâneo e compatriota de Constantino de Vasconcelos ali em actividade, tendo saído daquele porto que serve a cidade de Lima, no pretenso comando da nau *Espírito Santo*, de uma armada que integraria três outras embarcações³²- fizera crer que atingira, indo muito além das costas da Califórnia³³, a região do Lago Hudson. E nessa perspectiva ele chegara a ter encontrado, em tão inóspitas regiões geladas, uma outra nau que a havia precedido (proveniente da região norte-americana de Massachussets), tendo aí como capitão Shap- ply, acompanhado do próprio proprietário da mesma, Seymour Gibbons.

A pretensa *Carta* seiscentista desse referido Almirante De Fonte, que se pretendeu ter saído de Callao, veio a beneficiar de diversas edições nos séculos XVIII e XVIII, que receberam influências desse original. Tal veio a suceder com a edição de Increase Mather, em 1684³⁴ (26 anos depois, por sinal, da morte, no Perú, de Constantino

31 A crítica moderna tem acentuado a impressão de se tratar de um documento apócrifo, mais tarde editado em Londres e, anos depois, reimpresso (já em francês) na cidade de Paris. Sobre esta matéria veja-se Matos, M. Cadafaz de, “Verdade e ficção em narrativas históricas nos séculos XVII e XVIII, na França e na Inglaterra, relativas Portugal: o caso da Carta fictícia do Almirante De Fonte...”, in *Obras Completas do autor*, vol. XIII, Lisboa, CEHLE, pp. 333-385, onde se procede à publicação desses documentos originais (na sua edição de Londres), como a uma análise crítica distanciada dessa mesma matéria.

32 Pretende a narrativa apócrifa que a nau-capitã do Almirante De Fonte, a *Espírito Santo*, era acompanhada por três outras, o Santa Lúcia, comandado pelo vice-almirante D. Diego de Penalossa (“filho da irmã de D. Luís de Haro, Primeiro Ministro de Castela”, personalidade que existiu de facto, pois viveu entre 1598 e 1661; a *Rosário* [ou Nossa Senhora do Rosário], comandada por Pedro Bernardo; e *Rei Filipe*, sob o comando de Philippe de Ronquillo.

33 Sensivelmente um século antes desta data – e sabendo-se que tal expedição às passagens do Noroeste americano nunca se tenha realizado (em função da apócrifidade dos documentos a ela referentes) – o navegador ibérico João Rodrigues Carrilho havia desbravado (com alguma probabilidade entre 1540 e 1541), presumivelmente pela primeira vez, toda a costa da Califórnia. – Cfr. Lagoa, Visconde de, a obra *João Rodrigues Cabrilho. Achegas para a sua Biografia*, Lisboa, 1958. Herrera y Tordesillas, Antonio, por outro lado, já havia registado, na edição de *Historia General... Década Sétima*, Madrid, na oficina de Juan de la Cuesta, 1615, que João Rodrigues Carrilho fora de nacionalidade portuguesa.

34 Solis-Cohen, Bertha, no estudo “Benjamin Franklin [1706-1790] defends Northwest passage navigation”, in *The Princeton University Library Chronicle*, vol. 19, n.º 1, 1957, pp. 15-33, deixou bem claros, no plano da intertextualidade, alguns sinais dessa

de Vasconcelos). Efectivamente desde a década de 50 do século XX veio a provar-se que houve variantes textuais, como a de Increase Maher, cada autor ficcionando uma mesma realidade, mesmo que, por vezes, com agentes de acção com nomes nem sempre coincidentes³⁵.

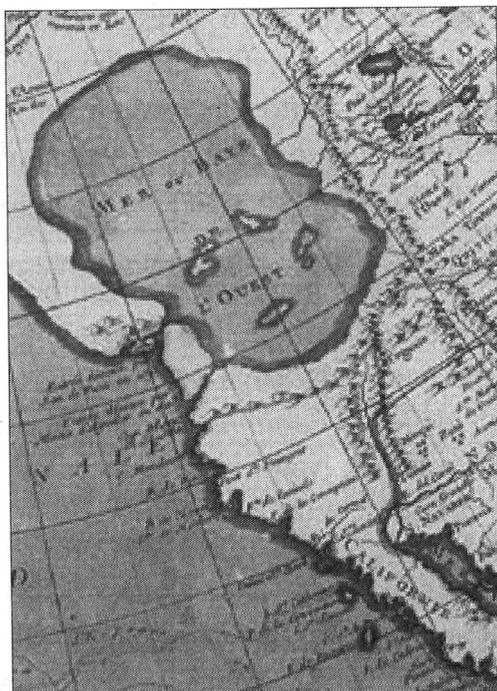


Retrato em pintura do clérigo do puritano, Increase Matther, (quando visitou Londres no ano de 1688), da autoria de John van der Spriett .

mesma influência, ainda no plano seiscentista (ou seja, já em 1684). Veja-se, pois, a argumentação seguida, a propósito, por esta investigadora norte-americana. Na edição original inglesa (ou seja, a primeira vez que a carta do Almirante De Fonte veio a sair em letra de forma) podem detectar-se passagens como estas (**A**, o pretense original, do Almirante De Fonte; **B**, Increase Matther, que viveu entre 1639 e 1723, na versão original em inglês, de 1684). **A1**: um homem galante... gentil homem por modéstia... preparou-me um pequeno presente de provisões; eu presenteei-o com o meu anel de diamante; **A2**: [ele, Senhor Gibbons, proprietário do navio, era] Major General da maior Colonia da Nova Inglaterra; **A-3**: [Seimor] estava no navio com Shapley [o comandante] na costa noroeste da América; **A-4**: [O seu nome era] Seimor Gibbons.// **B1**: Gallant Commander; one that when at home show'ed Kindness to Strangers, & gain'd their Esteem; **B-2**: A Major, of Boston, in New England; **B-3**: Us'd sometimes to make Voyages to other Parts of America; **B-4**: The Ship & Cargo his own, he offer'd them for Provisions to the Frenchen; **B-5**: [His name was] Edward Gibbons.

35 Como se viu em nota anterior, a Seimor Gibbons (que no texto, do Almirante De Fonte era o proprietário da pretendida nau de Massachussets), corresponderia, anos mais tarde, na edição de Increase Matther, o nome de 1684, o nome de *Edward* Gibbons.

Fazendo-se fé em tal documentação, recordando-se que proveniente de Callao no Perú e rumando mais para norte – hipoteticamente acompanhado pelas outras naus da armada que comandava – o Almirante De Fonte teria conseguido quase aproximar-se dessa mítica região que possibilitaria (ao que acreditava) passar aos mares da China. Só que – e desmontada que se encontra hoje esta questiúncula na sua apocrioficidade documental – tal pretendida missão não se realizou e, inerentemente, não chegou a ter resultados práticos quanto aos seus objectivos.³⁶



Na carta de Franklin ao Dr. Pringle (Coppet Collection, Princeton University Library), datada de 27 de Maio de 1762 e divulgada em 1953 por Bertha Solis-Cohen, encontra-se, como anexo, a gravura de um Mapa das regiões nórdicas que se pretendiam ter sido visitadas pelo Almirante De Fonte, que havia navegado em 1640 desde as costas do Perú.

36 Como se viu em nota anterior, a Seimor Gibbons (que no texto, do Almirante De Fonte era o proprietário da pretendida nau de Massachussets), corresponderia, anos mais tarde, na edição de Increase Matther, o nome de *Edward Gibbons*.

Continua a desconhecer-se se essa documentação teve a sua origem no Perú ou já na Inglaterra, onde veio a ser editada. Tal fonte, durante anos, veio a ser difundida e traduzida (incluindo em França no século XVIII³⁷). Ignora-se também se algum português residente no período seiscentista no Perú, ao tempo dessa pretensa expedição nórdica³⁸, poderá ter estado na origem desse apócrifo de interesse para a História de Portugal nessa época na região.

Da nomeação e da chegada ao Perú do Vice-Rei, I Marquês de Mancera, ao sentido da desnaturalização de Constantino de Vasconcelos e das críticas que suscitou

Naqueles mesmo período tinham havido mudanças na hierarquia da governação daquele Vice-Reino sul-americano de Castela. Em 18 de Dezembro de 1639, Pedro Álvarez de Toledo y Leiva³⁹, acabara por ser nomeado Vice-Rei do Perú. Contava na altura 54 anos de idade.

Uma das decisões daquele novo Vice-Rei fora levar consigo, nessas novas funções, o filho, António Toledo y Salazar⁴⁰. E este, muito em breve, viria a manifestar um significativo apreço pelas actividades do português Constantino de Vasconcelos.

Pedro Álvarez de Toledo y Leiva tinha, então, a patente de General. Desde 1623 que o rei Filipe IV o tinha feito ascender, meramente de Senhor para I Marquês de Mancera. Terá sido já depois da sua

37 Delisle, Joseph Nicholas, *Nouvelles Cartes des Découvertes de l'Amiral de Fonte, Et autres Navigateurs Espagnols, Portugais, Anglois, Hollandois, François & Russes, dans les mers septentrionels, avec leur explcation*, Paris [Académie Royal des Sciences], 1753, p. 17; e p. 2, nota a (onde se faz alusão à hipotética nacionalidade portuguesa do eventual Almirante Bartolomeu da Fonte, saído do Peru (na sua expedição fictícia). De salientar, por outro lado, que Joseph N. Delisle, enquanto académico, estivera ao serviço da Corte Russa na Academia de S. Petersburgo, ao tempo do cientista português A. N. Ribeiro Sanches e fora meio-irmão de um outro cientista francês, Guillaume Delisle.

38 Cfr. Bertha Solis-Cohen, edição ant. cit. (1953).

39 Solis-Cohen, Bertha, edição ant. cit. (pp. 15-33).

40 D. Antonio de Toledo y Salazar viria a ser nomeado mais tarde, já em 1664, Vice-Rei da Nova Espanha (funções em que se manteve até ao ano de 1673).

chegada aquele território peruano que ele tomou conhecimento de que Portugal (fruto da acção de tais conjurados em Lisboa) seguia novamente o seu próprio caminho com nação independente.



I Marquês de Mancera (1585-1654), vice-Rei do Perú ou da Nova Espanha.

Com essa mudança dos destinos das duas nações ibéricas, também a própria vida de Constantino de Vasconcelos veio a conhecer alterações profundas. A par de outros autores, a historiadora Maria Dolores Crespo Rodrigues pôs em relevo que o bracarense

se desnaturalizou quando da independência de Portugal em 1640, granjeando a inimizade dos seus anteriores compatriotas. Por Lima circularam então várias composições satíricas, criticando o seu comportamento⁴¹.

Tratou-se enfim, a nosso ver e numa perspectiva deleuziana, de uma nova forma de *desterritorialização*⁴² do bracarense. Ele optava

41 Rodrigues, Maria Dolores Crespo, “Constantino de Vasconcelos”, edição ant., cit., in *Dicionário de personalidades*, Madrid, Real Academia de la História.

42 A este efeito sociológico de “desterritorialização” em Constantino de Vasconcelos, já fizemos alusão no Prólogo do primeiro artigo (de 2022) que votámos à figura deste bracarense.

assim, particularmente (no seu âmago mais profundo), de uma forma consciente, por um *castelhanismo* assumido naquelas paragens sul-americanas. Isso apesar de esses seus valores optativos lhe terem trazido, por parte de alguns compatriotas estabelecidos então naquelas paragens do Perú, onde viria a falecer, vários níveis de desconsideração e *abandono*.

Não detemos elementos suficientes para podermos ajuizar que tipo de personalidades, a residir então em Lima, pudesse ter tido qualquer tipo de influência nessa decisão sem dúvida amadurecida e muito pessoal. Para tal tomada de consciência ele já não podia contar com a amizade que lhe votara o antigo Bispo de Cuzco, D. Fernando de Vera y Zúñiga (recentemente falecido em 1638 como já se disse e de quem se havia afastado em Cuzco, fisicamente, c. de 1633). Para tal decisão, estamos em crer, não deveria ter contado o Vice-Rei, recém-chegado ao Perú, dado que ele o conheceria desde há pouco.

Só que no seu caso (encontrando-se este muito distante da alçada jurídica das entidades portuguesas) não viria nesse sentido a ter consequências tão dramáticas como se veio a revestir em Lisboa o caso de um outro português *desnaturalizado* - nessa mesma época, após o triunfo do movimento da Restauração⁴³ - de apelido Vasconcelos, neste caso o eborense Agostinho Manuel de Vasconcelos, condenado à morte e executado em Lisboa.- Ver **ANEXO II**.

Notícias de Lisboa recebidas em 1641-42 em Lima, (estando Constantino de Vasconcelos mais afecto *do lado* de Castela)

A partir de 1642-43 tudo indicia ter entrado em cena na vida de Constantino de Vasconcelos uma nova personalidade, Martin de

43 Importa ter em presença que o conhecimento no Vice-Reino do Perú do triunfo do movimento dos conjurados em Lisboa no 1º. de Dezembro de 1640 (que trouxe de novo a independência a Portugal), não teria sido uma realidade antes de Agosto a Setembro de 1641.

Arriola Valerdi⁴⁴ (de que procurámos reconstituir apenas uma parte do seu itinerário, na biblioteca da Real Academia de la História, em Madrid). Este tinha nascido em San Sebastián de Guipuzcoa, e tinha-se deslocado inicialmente de Castela para o Vice-Reino de Nova Castela (Perú), como advogado, para ouvidor da *Audiencia* na cidade de Lima.

Aí em funções – já antes da chegada do novo Vice-Rei do Perú, D. Pedro Álvarez de Toledo y Leiva, em 1639-40⁴⁵ - ele tinha mandado construir, de pedra e cal, com boa solidez, em 1637, um *tajamar* em Rímac. Nessa acção ele tinha dispendido cerca de cinquenta mil duros⁴⁶.

Interrogamo-nos, deste modo, sobre o ano em que terá ficado Constantino de Vasconcelos na dependência directa, como *assessor*⁴⁷, deste jurista-ouvidor basco, Arriola Valerdi, então na qualidade de governador⁴⁸. O que se sabe hoje com segurança é que Constantino desempenhou tais funções de assessoria “para as inspecções das ‘Cajas Reales’ peruanas”⁴⁹.

44 Este terá casado c. 1604 com D. Clara Eugenia Larrazpuru Aranibar (a qual viria a morrer em Pichincha, Quito, no Ecuador). Cfr. Rodrigues Maria Dolores Crespo, “Constantino de Vasconcelos”, edição ant., cit., in *Dicionário de personalidades*, Madrid, Real Academia de la Historia.

45 A chegada a Callao, não muito distante de Lima, da armada que trazia de Castela o novo Vice-Rei, ocorreu sensivelmente no período de 1640 (ao que pretendeu a cripto-notícia editada em Inglaterra) da saída desse mesmo porto do Almirante ibérico De Fonte, de origem eventualmente *portuguesa*, que iria procurar uma rota *do noroeste* que indiciasse caminhos para os mares da China e do Japão.

46 Cappa, P. Ricardo, S.J., *Estudios críticos acerca de la Dominación Española en America. Parte IV, Belas Artes. Arquitectura Civil, Ecclesiastica e Hidraulica, Camiños, Comunicaciones fluviales*, Libreria Catolica de Gregorio del Amo Editor, tomo XIV, Madrid, 1895, pp. 175-176.

47 Rodriguez, Maria Dolores Crespo, “Constantino de Vasconcelos”, in *Dicionário de personalidades*, Real Academia de la Historia, Madrid, ant. cit.

48 Se porventura o bracarense já trabalhasse para este ouvidor em 1637, seria até possível admitir a possibilidade de ter sido Constantino de Vasconcelos quem esteve na base do projecto desse *tajamar* de Rímac? Apercebemo-nos, por outro lado, do relativo curto hiato de tempo entre esta associação de Martin de Arriola Valerdi (desde 1642-43) com Constantino de Vasconcelos; e, logo de seguida, ter este português sido convidado a acompanhar António de Toledo, o filho do Vice-Rei, até Valdívia, ao sul, agora nas funções de arquitecto. Terão sido as colaborações do bracarense prestadas a Valerdi que o fizeram ascender, profissionalmente, a arquitecto *destacado*?

49 Rodriguez, Maria Dolores Crespo, *op. cit.*, loc. cit.

O período da ligação do técnico bracarense c. de 1643, às explorações mineiras da região de Huancavelica

Foi sensivelmente esse o período em que Constantino de Vasconcelos desenvolveu um aprofundamento, misto de teórico e prático, que constituía “um novo método de extracção de açougue ou mercúrio na localidade peruana de Huancavelica⁵⁰, de modo a melhorar a exploração local”⁵¹. Para esse efeito ele tomou conhecimento das excavações e galerias já aí abertas, traçando roteiros iconográficos das mesmas.

De início, segundo esta investigadora espanhola, esse seu projecto foi tido como de significativos avanços nesta área, chegando a atingir – a partir de 1643 em que foi posto em prática - cotas máximas na fundição de mercúrio. Chegou a beneficiar disso, inclusivamente, com os apoios do governador local, o já atrás referido Arriola Valerdi.

Efectivamente por este processo a laboração nas minas da região em toda a acção extractiva, parecia decorrer de uma forma menos pesada que a tradicional, advindo daí índices de uma maior produtividade no sector. Só que já a partir do segundo semestre desse mesmo ano os mineiros principiaram a manifestar a sua oposição e até mesmo algumas hostilidades contra este processo de laboração proposto por Constantino de Vasconcelos.

Deste modo o português teve necessidade de viajar de Huancavelica até Lima, de modo a solicitar, aí, apoios junto do próprio Vice-Rei

50 Tendo Humberto Leonardo Rodriguez-Camilloni (no tomo das Ilustrações da sua já aludida dissertação de doutoramento) editado documentação iconográfica referente aos trabalhos de Constantino de Vasconcelos sobre a exploração mineira de Huancavelica em 1643, tal permitirá concluir que foi em tal período que o bracarense ali trabalhou nessa exploração. Sobre as minas existentes em Huancavelica, remete-se, no essencial, para as descrições constantes de *Ricardo Beltrán y Rozpide, Colección de las Meórias o Relaciones que Escribieron los Virreyes del Peru* (BGUC), em particular o documento de base histórica “Guancavelica” (pp. 81-184); e, no “Billete que escribió el Principe de Esquillache al Marqués de Montesclaros” (id., pp. 204-207); assim como – e uma vez mais – para as considerações expostas na *Relación que el Principe de Esquilache...*, atrás apresentadas.

51 Rodriguez, Maria Dolores Crespo, *idem*, *ibidem*

e das principais autoridades que viviam à sua volta. Ele pôde, então, proceder aí a várias demonstrações teóricas e técnicas, de modo a tentar provar as vantagens do seu projecto em detrimento de outros.

Já em 7 de Outubro de 1643 Constantino de Vasconcelos redigiu um documento – assente em 59 pontos – com regras, mas também com advertências – sobre esse seu mesmo projecto. Esse documento acabaria por ser aprovado em 11 de Maio de 1644. Só que, mesmo que as autoridades tenham aprovado esse seu projecto, os mineiros locais continuaram a repudiar o teor aí expresso, pelo que o mesmo, considerado como ilusório, acabaria por fazer fracassar esses seus intentos.

Não estando esse tema totalmente arredado dos interesses do novo Vice-Rei, que continuou a manter um posicionamento de defesa do projecto do técnico bacarense, aquele dirigente político ordenou então que reunisse, em 21 de Julho de 1644, uma Comissão de modo a ser analisado o “estado de ciência” da proposta do português. Esse grupo de trabalho – de faziam parte um dirigente de fábricas de Lima, Pedro de Nogueira, o Pe. Frei Diego Maroto, assim como o mestre canteiro e roceiro Miguel de Rigolo - partiu para aquela aludida região mineira em 26 de Agosto de 1645. Estava-lhe atribuído emitir um parecer sobre “se as suas ideias eram praticáveis em Huancavelica”.

Encontra-se também documentado que no dia 5 de Novembro de 1645 o próprio Vice Rei partiu em visita oficial a essas minas de Huancavelica. Integravam a sua comitiva o próprio Constantino de Vasconcelos, o referido governador Arriola, o cosmógrafo-mor Juan de Villanueva, o secretário de Câmara Gabriel de Eraso, os peritos Maroto, Rigolo e outros. Era pretensão deste Vice-Rei proceder a uma avaliação, *in loco*, de todos esses problemas de exploração da prata, do ouro e do mercúrio.

Em Huancavelica veio, assim, a ser então “realizada uma demonstração do procedimento técnico”, proposto por Constantino de Vasconcelos para esse tipo de exploração mineira. O português procurou

aí explicar as vantagens do método que defendia. Deste modo, ao que sustenta ainda Maria Dolores Crespo Rodrigues,

o seu sistema [de exploração mineira] foi aprovado e recomendado por todos os informantes⁵².

Tal apoio veio a constituir, assim, um valioso triunfo para os métodos em que Constantino de Vasconcelos procurava afirmar a mais valia dos seus conhecimentos (seguramente já trazidos da Europa e denotando conjunto de leituras sectorizadas), nesse sector das técnicas mineiras seiscentistas.

A participação de Constantino de Vasconcelos na expedição ao Chile, em 1645, dirigida por D. Antonio de Toledo (filho do Marquês de Mancera, Vice-Rei do Perú)

Entretanto também na sua acção governativa no Perú, o Vice-Rei Marquês de Mancera, tinha, entre outras preocupações, a defesa do governo de algumas regiões da costa meridional, como a de Valdívía (numa área hoje ocupado pela parte centro-sul do Chile). Essa sua política tinha em vista obstar, por exemplo, a que algumas forças de corsários holandeses – e, até, de outras nações – pudessem atacar aquele Vice-Reino a que presidia, pelas costas marítimas do sul.

No âmbito dessa política defensiva, a zona portuária de Valdívía tinha ficado de certo modo desabitada por muitos anos até que, em 1643, a expedição holandesa de Hendrik Brower, tinha tentado estabelecer ali uma colónia, sem sucesso. Essa iniciativa neerlandesa naquela zona costeira da capitania-geral do Chile levou o Vice-Rei do Peru, Pedro de Toledo y Leiva, Marquês de Mancera, a proceder à refundação de Valdívía.

52 Maria Dolores Crespo Rodriguez, *idem*, *ibidem*.

Foi nesse contexto de uma política defensiva daquela região que o Vice-Rei, Marquês de Mancera, aprovou que seu filho, António Sebastián de Mancera⁵³, partisse de Lima, em fins de 1645, com uma armada em direcção a Valdívia.



Retrato de D. Antonio Sebastián Álvarez de Toledo Molina y Salazar (Sevilha, 1622-1715).

António Sebastián tinha-se feito reunir de um conjunto de qualificados técnicos que o poderiam apoiar nesse programa de construção com vista à defesa das referidas costas da região sul. Com ele seguiram, na armada então constituída para tal efeito, em direcção precisamente às costas chilenas, quer o português Constantino de Vasconcelos, na qualidade de *Eng.º-mor*, quer um conjunto de arquitectos, pedreiros, desenhados e estratégias militares.

53 António Sebastián de Toledo Molina y Salazar viveu uma parte significativa da sua vida em terras peruanas, onde seu pai, Pedro Alvares de Toledo y Leiva, desempenhava – como atrás registámos – as funções de Vice-Rei. Este nobre ascendeu ao cargo de Vice-Rei da Nova Espanha em 15 de Outubro de 1664, onde se manteve em funções até 8 de Dezembro de 1773. O mesmo Antonio Sebastián de Toledo Molina y Salazar viria a falecer já em 1715.

Deste modo o Marquês de Mancera tinha determinado, então, que fosse edificado um sistema de fortalezas, fortes e baterias que defendesse aquelas zonas portuárias⁵⁴. Algum tempo depois eram fundados os fortes de Corral, Niebla e da localidade designada precisamente de Mancera.

Todo esse conjunto de fortificações ficou conhecida como a *chave do mar do sul*⁵⁵. Juntamente com a fortaleza de Filipe e o forte de São Diego de Acapulco constituía o eixo defensivo espanhol no sul do Oceano Pacífico.

Esse ambicioso projeto havia-se já iniciado, com efeito, em 1635, com o levantamento cartográfico da região. Tanto para a ilha depois designada de Mancera, como para as regiões dos demais fortes projetados, foi planeada uma forte intervenção, nesse plano das fortificações. Assim veio a ser erguido, precisamente em 1645, para além das ditas fortificações, o castelo de São Pedro de Alcântara. Por seu lado o castelo de São Sebastião também foi iniciado nesse ano⁵⁶, para além de dois conventos, um associado à Ordem Terceira de S. Francisco e um outro, à Ordem de Santo Agostinho⁵⁷.

O historiador Pe. Gabriel Guarda, na sua obra *Flandes Indiano*⁵⁸, estabeleceu que esta expedição, sob o comando de Antonio Se-

54 Esse conjunto de construções prolongou-se durante mais de uma década, na medida em que, em 1658, se iniciava ainda a construção do Forte de Amargos na região.

55 Agradecemos, neste passo, todo o apoio pessoal e documental recebido do (então) Embaixador de Portugal no Chile, Dr. António Leão Rocha.

56 A última das fortificações construídas nessa região viria a ser, c. de 25 nos mais tarde, o castelo da Pura e Limpa Conceção, de Monfort de Lemos, em 1671.

57 Só quase duas décadas depois, em 1663, viria a ser implementada, ainda nesse Vice-Reino do Perú, a edificação – com vista a servir os interesses dos mercedários – do Colégio de S. Pedro Nolasco. Chega mesmo a referir-se que o próprio Constantino de Vasconcelos terá sido o responsável por delinear, como arquitecto, o claustro desta instituição. Veja-se, a este respeito, o trabalho “Una obra inédita de Constantino Vasconcellos: el claustro del colegio de San Pedro Nolasco de Lima”, in *Laboratório de Arte*, 1993, pp. 347-351.

58 Gabriel Guarda, *Flandes Indiano*, Santiago, Universidade Católica de Chile, 1990.

bastián de Toledo, era constituída de 17 naves. Destas, três delas permaneceram, porém, no porto de Valparaíso.

Nesta armada seguiu com efeito, como já dissemos que, segundo este cronista peruano, era (então) ali referenciado como Constantino Vasconcelos. E ele vinha acometido – importa de novo frisá-lo – das funções de engenheiro.

Tal armada saiu precisamente do porto de Callao, num sábado, dia 31 de Dezembro de 1644. De um ponto de vista militar e estratégico, este político tinha então vários objectivos particulares.

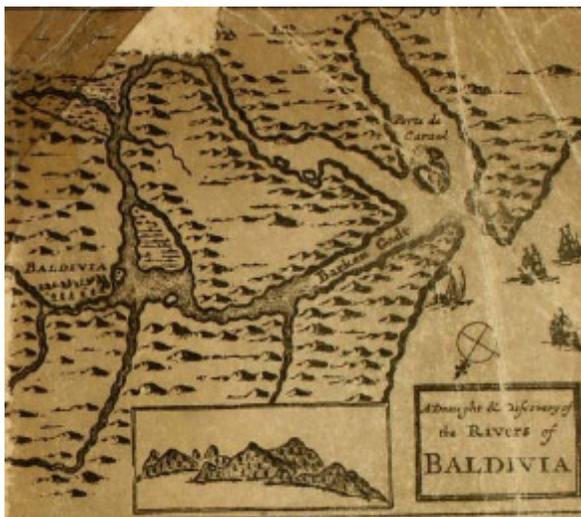
Ele pretendia primeiramente, atendendo à crónica de Frei Miguel de Aguirre,

*desalojar o holandês se ele tivesse, como se dizia, voltado a fortificar-se ali; e ocupar por antecipação esse espaço ou posto caso voltasse ali depois; assim como fechar-lhe o porto e, daí, as portas da cidade, nos dois braços daquele formoso rio*⁵⁹.

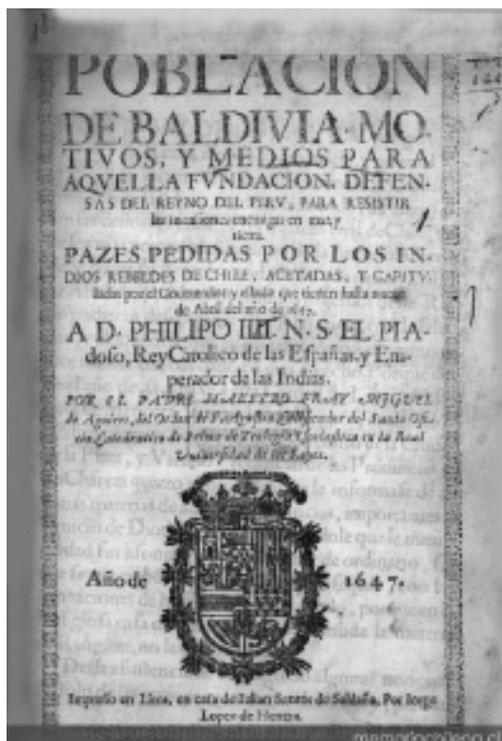
Outra das preocupações estratégicas de Antonio Sebastián de Toledo era povoar o mesmo sítio antigo de Valdivia para que esta nova população dispusesse de um novo *freio* e praça de armas, com que se pudesse debelar qualquer inimigo estrangeiro e de onde se pudesse combater o princípio de qualquer nova “*redução do doméstico rebelde chileno*”.

A chegada da armada de Antonio Sebastián, à região portuária de Valdivia, ocorreu 36 dias depois de ter deixado o porto de Callao. Continuando um pouco mais esse périplo, em 6 de Fevereiro seguinte já se encontrava no porto de Corral.

59 Padre Maestro Fray Miguel Aguirre, da Ordem de Santo Agostinho, *Población de Baldibia. Motivos y Medios para aquella fundación. Defensas de Reyno de Peru, para resistir las invasiones enemigas en mar y tierra*, Lima, em casa de [na oficina tipográfica de] Julián Santos de Saldaña, impressor Jorge Lopez de Herrera, 1647. Esta passagem específica encontra-se, aí, in p. 35 vº.



Frontispício da obra de Guillermo Feliú Cruz (1900-1973) e de Gabriel Guarda Geywitz (1928-2020), *História de Valdivia, 1552-1952*, Chile, 1953 (por cortesia da Biblioteca Nacional do Chile).



Frontispício da edição de Frei Miguel Aguirre, *Población de Baldibia* (Chile), Lima, 1647.

Foi precisamente Frei Miguel Aguirre quem fez alusão – na sua obra inovadora *Población de Baldibia. Motivos y Medios para aquella fundación. Defensas de Reyno de Peru, para resistir las invasiones enemigas en mar y tierra* (Lima, 1647) – ao papel interventivo de Constantino de Vasconcelos nesse projecto:

começou logo o General a executar, pontual e vigilante, as instruções do Vice-Rei, com empenho militar e filial; tratou de reconhecer os postos, demarcar a terra, fundar o mar e rios... medio as distâncias por intermédio de Don Constantino de Vasconcelos, evidente matemático e cosmógrafo, que foi por engenheiro-mor nesta armada: e havendo-se reconhecido quer o porto quer estas paragens com uma particular diferença do que havia sido dado anteriormente a entender; e de modo a que as entradas se podiam defender sujeitas à artilharia; e feitas as observações e reconhecimento dos postos que se podiam ocupar para impedir quaisquer entradas quer pelos braços do rio quer pelos canais de Valdivia⁶⁰.



Um aspecto da bateria do Castelo da Pura e Limpa Concepção, de Monfort de Lemos, na região de Valdivia.

60 Frei Miguel de Aguirre, *op. cit.*, pp. 35 vº. – 36 rº.

O empenho do bracarense Constantino de Vasconcelos nas funções na área da engenharia que lhe estavam acometidas na sua missão ao centro-sul do Chile, em 1645

Procedeu-se aí, entre outro aspectos, ao estudo do terreno, com vista a serem edificadas algumas das atrás referidas estruturas portuárias militares defensivas. Cumpriam-se assim os desígnios implementados numa das ordenações do Marquês de Mancera. Esta área arquitectural quanto à defesa de zonas costeiras no continente americano também apresentava então – e sobretudo num período ligeiramente posterior quanto a possessões portuguesas, como deixou claro num dos seus trabalhos o Pe. Luís Gonzaga – um particular interesse para as entidades portuguesas (já após o período do triunfo do movimento da Restauração em Lisboa em 1640)⁶¹.

O mesmo Constantino de Vasconcelos teve então ensejo de propor modelos de construção para aquelas primeiras fortificações locais. O conceito fixado, em traços bem elucidativos, pelo

61 Um dos testemunhos mais elucidativos é o trabalho (apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História, 22-26 de Julho de 2013) por Luiza Nascimento de Oliveira, “Arquitectura Militar e a prática de defesa: formas de uma configuração”. Aí é abordada a candente problemática de que “o conhecimento técnico-científico foi utilizado como argumento para reivindicar a posse e o exercício de domínio sobre um espaço distante, transformando estes em áreas de soberania da Coroa” [como a castelhana ou a portuguesa]. Este aspecto – inclusivamente também na doutrina da *soberania política* colonial – viria ainda a estar (mesmo que indirectamente) presente numa obra, datada de entre o último ano do século XVII e os começos do século XVIII, da autoria do Pe. Luís Gonzaga, da Companhia de Jesus, *Tratado da Architectura* [leia-se, Arquitectura], existente na Biblioteca da Ajuda, com a cota BA-46-VIII-23, que nos foi dado a conhecer pelo antigo director daquela instituição, o nosso amigo pessoal, Dr. Francisco da Cunha Leão (entretanto falecido). Seria interessante, a nosso ver, poder proceder-se a um estudo comparativo entre o pensamento arquitectural-militar de Constantino de Vasconcelos no centro-sul do Chile daquela época (mais virado para o poder de Filipe de Castela do que para D. Pedro II de Portugal), c. de 1625 e o das bases programáticas que se encontravam na base deste tratado – porventura ainda seiscentista, na matriz do seu pensamento – do Pe. Luís Gonzaga (impresso em 1701 em Lisboa na oficina de Bernardo da Costa). – Veja-se, ainda, H. Leitão, *Sphaera Mundi*, catálogo, p. 200; e, ainda, Luís de Albuquerque, “A ‘Aula da Esfera’ no Convento de Santo Antão no século XVII” (2004).

bracarense, foi logo nesse período admirado e respeitado (vindo só algumas dezenas de anos depois a ser objecto de ampliação⁶²).

Esta armada do filho do Vice-Rei do Perú permaneceu um total de 53 dias na região – hoje chilena - de Valdivia⁶³. Constantino de Vasconcelos (passado todo aquele período de missão, regressou então - naquela expedição naval liderada por D. Antonio Sebastián de Toledo, ao porto de Callao nas imediações da dita capital do Vice-Reino.

Outros reconhecidos aspectos que documentam uma interacção política (neste caso de base religiosa), entre as regiões de Lima e de Valdivia

Ainda em relação a esse porto da região centro-sul do Chile – embora de um período um pouco anterior – não deve ser esquecida, de igual modo, a figura de um Padre da Companhia de Jesus, Luís de Valdivia (1561-1642).

Tratou-se de um religioso que seria (tal como o nome parece indiciar) proveniente dessa mesma localidade de Valdivia. Ele tinha escrito, num tempo anterior, e feito publicar em 1607, precisamente em Lima, no Perú, na oficina de Francisco del Canto - como especialista em línguas indígenas da Argentina e do Chile - a *Doctrina Christiana y Cathecismo en la lengua Allentiac*⁶⁴ [que se falava à época ainda na região de Cuyo, na Argentina, língua essa hoje já praticamente desaparecida].

62 O Pe. Gabriel Guarda considerou (in *op. cit.*) que estas estruturas defensivas vieram a ser objecto de ampliações no século XVIII.

63 Cfr. Beltrán y Roxfide, Ricardo, *Collección de las Memórias o Relaciones que escribie-ron los Virreyes del Perú...*, em particular o documento “El puerto de Valdivia...” (ainda da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), Madrid, 1921, pp. 261-263. Veja-se, ainda, *Relaciones Geograficas de Indias. Publicadas el Ministerio de Fomento. Peru*. Al Congreso Internacional de Americanistas de Madrid, (tomos I-IV): I, 1881; II, 1885; III, 1897; e IV, 1897.

64 Cfr. Julie Greer Johnson, *The Book in the Americas...*, ed. ant. cit. (1988), p. 58.

Cerca de três anos depois de terminada a missão do filho do I Marquês de Mancera (acompanhado como se disse de D. Constantino de Vasconcelos) em Valdivia, seu pai terminava esses seus serviços de governação como Vice-Rei do Perú. Regressado a Castela, sucederam-lhe, nessas funções, respectivamente os Vice-Reis García Sarmiento de Sotomaior (de 1648 a 1655) e, posteriormente, Luís Enrique de Guzmán (de 1655 a 1661).

Quanto a Constantino de Vasconcelos, a sua actividade passaria, pouco depois – a decorrer na região de Lima, em várias frentes, mas retendo-se, mais em particular, em meios afectos à Ordem Terceira de S. Francisco.

ANEXOS

ANEXO I

Da *amalgamação* da prata no Vice-Reino do Perú nos séculos XVI e XVII, aos significativos nesta matéria trazidos pelo castelhano Pe. Alonso Barba

*Provavelmente, a questão sobre quem foi o inventor deste processo da *amalgamação* de prata nunca virá a ser clarificado. De acordo com Ulloa⁶⁵, D. Pedro Fernandes de Velasco descobriu o processo no México em 1566. O registo técnico mais antigo continua a ser, porém, o do Pe. Joseph de Acosta⁶⁶, que havia nascido em 1540, e vivera entre 1570 e 1585 no Perú e no ano de 1586 no México.*

Note-se que a jazida argêntea de Potosi, no Perú [onde já na segunda metade do período quinhentista havia trabalhado uma outra figura bem nossa conhecida, o portuense Henrique Garcês⁶⁷; e onde nos anos 30 do século XVII chegou este seu compatriota, Constantino de Vasconcelos], havia sido descoberta em 1545⁶⁸.

O Pe. José de Acosta sublinhou, ainda, que a refinação da prata com mercúrio fora introduzida em Potosi por Pedro Fernandes de Velasco a partir do México em 1571. E afirmou ainda a este respeito:

65 Ulloa, *Relación Historica Del Viage a la America Meridional*, Madrid, 1748.

66 Pe. José de Acosta, S.J., *Historia Natural y Moral de las Indias* (edição ant. cit.), Sevilha, 1590, com tradução para a língua inglesa de Edward Grimston, Londres, 1604, republicada pela Hakluyt Society, 1880. De referir ainda que o Pe. José de Acosta nasceu em 1540 e passou os anos entre 1570 e 1585 no Perú; e o de 1586 no México.

67 Graças ao colecionador de Pratas, estabelecido em Lisboa, Senhor Francisco Barros e Sá, tomámos conhecimento deste estudioso da prata e do mercúrio no Perú do século XVI. Estudámos essa figura quinhentista desde 1979 (graças aos incentivos daquele estudioso contemporâneo, natural de Santarém). O nosso trabalho - com excepção de dois nossos estudos, um saído em *D. Not.*, Lisboa, 28-VI-1981; e um outro editado na revista *Museu / Círculo José de Figueiredo*, Porto, 1997 - encontra-se ainda inédito.

68 Cfr. a "Descripción de la villa y Minas de Potosi – Año 1603" (BGUC), documento tardio que aqui nos congrega, de Abril de 1784, constante de *Relaciones Geograficas de Indias... Peru*, tomo II (BGUC), Madrid, 1885, pp. 113-138.

... “Colocavam o pó do metal nos vasos sobre as fornalhas, enquanto a ungiam e mortificavam com salmoura, apondo, por cada cinquenta quintais de pó, cinco quintais de sal. Procedia-se desse modo para que o sal separasse a terra dos resíduos e para que, no final, o açougue pudesse atrair a si mais facilmente a própria prata. Posteriormente, colocavam açougue num pouco de pano de holanda pressionando-o sobre o metal, e avançado sempre com um funil rodado sempre e mexendo o metal, de modo a este ficar no final bem incorporado⁶⁹.

Antes da invenção destas fornalhas de fogo, era frequente misturar o metal com açougue em grandes buracos, deixando ficar durante alguns dias e, depois, misturar e mexer novamente, até se verificar que todo o açougue estava bem incorporado com a prata, que continuava vinte ou mais dias, pelo menos, durante nove dias.

Uma apreciação sumária sobre o processo de amalgamação nas descrições do livro do Pe. castelhano Alonso Barba

Uma menção frequente dos métodos de amalgamação de prata é realizada pelos escritores espanhóis subsequentes a esta altura, sendo que o melhor registo é o do Pe. Alonso Barba. Este religioso, nativo de Lepe, na Andaluzia⁷⁰, seguiu a sua vocação em vários locais do Peru entre cerca de 1600 e 1630⁷¹ e, num dado momento, assumiu a Curia de São Bernardo em Potospovoasi [vila que tinha sido povoada pela primeira vez em Abril de 1545 por 75 homens]⁷².

69 Seguimos aqui a tradução de Grimston, vol. I, p. 219.

70 A alguns dos aspectos essenciais trazidos por este tratado do Pe. Alonso Barba, nos referimos também noutro passo do presente trabalho.

71 Este documento comprova que tanto o Pe. Alonso Barba como o português Constantino de Vasconcelos ainda terão chegado a viver num mesmo tempo, no Peru. Tal decorreu, pelo menos, no biénio de 1629-30, em que ele passou por Lima e se foi fixar, como referido Bispo que servia, na diocese de Cuzco.

72 Quando o bracarense passou pelas minas de Potosí, ainda era recente a memória do Pe. Alonso Barba nessa exploração argêntea.

Em 1640, o Padre Barba publicou em Madrid a sua obra maior, a Arte de los Metales..., em cinco livros. Os primeiros dois livros desta sua obra foram traduzidos para inglês pelo Conde de Sandwich e publicados em Londres em 1674⁷³.

Esta tradução ficou tão empobrecida e com deficiências várias, como as realizadas para francês e alemão. Tudo isso, muito naturalmente, da total falta de preparação técnica (e da compreensão destas matérias) pelos próprios tradutores.

Entre os métodos de amalgamação de prata descritos por Barba encontra-se um que, após “descoberta” posterior na cidade de Virgínia, é conhecido como “Processo de Washoe”.

Nenhum dos escritores espanhóis parecem fazer qualquer referência ao livro e às descrições técnicas de relato de Biringuccio. Este facto permite levantar a (apesar de tudo) premente questão se o Processo de Patio foi uma importação da Europa ou se foi reinventado no México. Embora não exista qualquer evidência direta sobre este ponto, presume-se em favor da primeira hipótese.

A introdução geral da amalgamação de minérios de prata na Europa central parece ter sido muito lenta e passaram mais de 200 anos desde a sua adopção no Perú e no México até receber uma atenção séria por parte dos metalúrgicos alemães.

Ignaz Elder v. Born terá sido o primeiro a estabelecer o processo de forma eficaz na Europa, tendo erigido em 1784 um “moinho rápido” em Glasshutzen, perto de Shemnitz. Ele publicou um relato elaborado de um processo que afirmava ser da sua criação, sob o título Ueber das Anquicken der Gold und Silberhält igen Erze⁷⁴. A única questão nova neste (aparentemente novo) processo parece ser apenas a agitação mecânica.

Acontece que, na opinião de Born, um espanhol de nome D. Juan de Cordoba, no ano 1588, recorreu ao Tribunal de Viena, oferecendo-se

73 Pe. Alonso Barba, *O Primeiro Livro da Arte dos Metais* (n.d.t.), tradução e edição do Conde de Sandwich.

74 A edição desta obra ocorreu em Viena, em 1786.

para extrair prata de minérios com recurso a mercúrio. Foram realizados vários testes sob a direcção do célebre Lazarus Erckern e, embora pareça que tenham sido utilizados algum vitriolo e sal, os testes aparentemente falharam, uma vez que Erckern concluiu o seu relatório com este desabafo:

“Para que V. Senhorias não venham a ter qualquer despesa adicional que se esqueça esta experiência”⁷⁵.

ANEXO II

Da tentativa de desnaturalização em Lisboa do português D. Agostinho Manuel de Vasconcelos e da sua punição com a própria morte

Oferece-se-nos como deveras curiosa a informação de que dois dos mais destacados desnaturalizados portugueses após o triunfo do movimento da Restauração em Lisboa em 1 de Dezembro de 1640, tiveram lugar um no Vice-Reino do Peru, com este cidadão de origem bracarense; e um outro, de origem eborense, a residir em Lisboa. E que tinham tido os dois o apelido de Vasconcelos e ambos tenham tido dois nomes diferente. Referimo-nos a D. Agostinho Manuel de Vasconcelos, por um lado e a Constantino de Vasconcelos, por outro, que vieram naturalmente a ter fins de vida distintos.

O primeiro deles tinha tido (tal como o segundo) um nome diferenciado do primeiro por que havia sido conhecido. Tal já referiu Diogo Barbosa Machado,

D. Agostinho Manoel de Vasconcelos [havia-se] chamado antigamente Agostinho de Mello⁷⁶.

75 A obra do Barão Inigo Born foi traduzida pra inglês por R. E. Raspe, sob o título *New Process of Amalgamation Novo Processo de Amalgamação*, Londres, 1791.

76 Barbosa Machado, *BL*, I, Lisboa, oficina de António Isidoro da Fonseca, 1741, pp. 68-69.

Nascido em Évora no seio de uma família da Nobreza em 1584, tinham sido seus pais Ruy Mendes de Vasconcelos e D. Anna Noronha. Na adolescência cursou Direito Civil na Universidade de Salamanca, vindo a ser tornado cavaleiro professo da Ordem militar de Cristo.

Nesse período, abordou em discurso histórico, as acções de algumas figuras ilustres da Nobreza e da Realeza. Primeiramente foi o caso da Vida de *D. Duarte de Meneses, Terceiro Conde de Viana* [1414-1464], a qual saiu impressa em Lisboa, por Pedro Craesbeck, em 1627.



Efígie recriada de D. Duarte de Meneses, III Conde de Viana do Alentejo, figura esta evocada no período seiscentista por D. D. Agostinho de Vasconcelos

Mesmo apesar de, posteriormente continuar a dedicar-se também à arte poética, cerca de uma dúzia de anos depois deu à estampa uma obra que intitulou *Sucessión del Señor Rey D. Filippe el Segundo en la Corona de Portugal*. Esta, por sua vez, já foi dada a imprimir

também em Castela – o que denotava os interesses e afinidades deste nobre – desta feita nos prelos de Pedro Tasso, em Madrid, em 1639. No mesmo ano, e ainda nessa cidade, ele mandou imprimir – na oficina de Maria de Quiñones (mesmo que, depois, também tenha sido reeditado em Paris) o seu livro *Vida y acciones del Rey D. Juan el segun Rey de Portugal*.

A conjuração de 1641 em Lisboa e alguns dos seus implicados

Entretanto Agostinho Mendes de Vasconcelos – a par do Marquês de Vila Real, Duque de Caminha e Conde de Armamar e outros nobres, perpetraram uma conjura contra o rei D. João IV (que não muitos meses antes tivera êxito no afastamento do domínio político de Castela contra Portugal).

A ideia inicial teria sido forjar um incêndio no Palácio Real, em Lisboa, chamando a atenção dos guardas e vigilantes do local e, deste modo, deixar o rei desguarnecido de protecção e poderem assassiná-lo. Após desmontada esta rebelião⁷⁷ todos os nobres implicados que aí haviam tomado parte na conjura, presumivelmente liderados pelo Arcebispo-primaz D. Sebastião de Matos Noronha, acabaram por ser presos⁷⁸.

No castigo dessa tentativa de atentado régio, o qual se pretendeu exemplar, D. Agostinho Manuel de Vasconcelos, tal como praticamente todos os outros implicados, foram objecto de um auto que

77 Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da, *D. João IV*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006, pp. 114-124; e p. 127.

78 Nesta conjura que se crê liderada pelo Arcebispo de Braga D. Sebastião de Matos Noronha, participaram, para além de D. Agostinho Manuel de Vasconcelos, entre outros, o Marquês de Vila Real, D. Miguel de Noronha, Duque de Caminha, o sobrinho do Arcebispo, Rui de Matos de Noronha, Conde de Armamar, os dois capitães Diogo de Brito Nabo e Belchior Correia da França, ou um mercador rico chamado Pedro Baeça. Todos os conspiradores foram presos num Domingo, 28 de julho de 1641. Os implicados vieram a ser objecto de um auto que decorreu na praça do Rossio, em Lisboa, 20 de Agosto de 1641, sendo degolados. Quando ao presumível líder da conjura, o Arcebispo, foi conduzido sob prisão ao forte de S. Julião da Barra, onde veio a falecer em 1641 ou 1642.

decorreu no Rossio em Lisboa. Acabaram por ser degolados em 28 de Agosto de 1641, ante a multidão da capital que ali acorreu. Quanto a D. Agostinho, ele contava então 57 anos de idade.

ANEXO III

Um outro projecto de investigação sobre as estruturas portuárias seiscentistas chilenas: os estudos de Susana Simonetti de Groote e de Ángel Cabeza Monteiro: a origem e o motivo das fortificações de Valdivia

A Coroa espanhola⁷⁹ cedo percebeu o carácter estratégico da região sul do Chile, [mas ainda integrado no espaço do Vice-Reino do Perú] que através do estreito de Magalhães e do Cabo Horn era um ponto intermédio para a navegação desde a Europa até à costa americana do Pacífico. A partir do final do século XVI, a construção de fortificações nesta área tornou-se uma grande prioridade, devido ao trânsito frequente de navios franceses, ingleses e holandeses e, em particular, devido às incursões de corsários. À destruição causada na costa chilena e peruana por Francis Drake em 1578, vieram juntar-se expedições como a do holandês Hendrik Brouwer, que em 1643 ocupou temporariamente a linha costeira adjacente à foz do rio Valdivia, com a intenção de, a partir daí, desafiar o poder espanhol.

A aventura de Brouwer, em particular, levou as autoridades peninsulares a construírem complexos defensivos poderosos em Valdivia e, mais tarde, em Valparaíso. Valdivia constituiria, juntamente com El Callao, o mais importante complexo defensivo da costa americana do Pacífico

79 Cfr. Susana Simonetti de Groote e Ángel Cabeza Monteiro (historiadores chilenos), "Las fortificaciones de Valdivia en el sur de Chile", in revista *Hereditas*, 2005 (dactiloscrito, pp. 6-8). Em Setembro de 2021 contactámos essa investigadora (tendo-nos o seu mal sido facultado, para tal efeito, generosamente, por S. Exa. o Embaixador de Portugal no Chile). A versão portuguesa (da nossa responsabilidade) do presente texto, bem como as breves notas, foram enviadas oportunamente, para conhecimento, aos seus respectivos autores.

Sul. Ambos os casos são exemplos excepcionais da chamada Escola hispano-americana de fortificação abaluartada. O motivo do esforço e dos recursos investidos em Valdivia deriva, naturalmente, da necessidade de defender o Peru, que, juntamente com o México, constituía a principal fonte de riqueza americana para a Coroa de Castela.

Em 1645, o Vice-Rei peruano Antonio de Toledo, Marquês de Mancera, deu início à execução de um plano defensivo há muito concebido. Um dos seus pontos fundamentais foi enviar uma grande armada para refundar a cidade de Valdivia - desolada após a revolta índia de 1598 - para a converter num bastião e para erguer fortificações na costa. O contingente encarregado da missão foi organizado no Peru e surpreendeu os contemporâneos pela sua magnitude. Foram disponibilizados dezassete navios, carregados com uma quantidade sem precedentes de materiais de construção e provisões.

O plano original de fortificação visava tirar partido das excepcionais qualidades defensivas da Baía de Corral, na foz do rio Valdivia. No plano, estava prevista a construção de quatro fortalezas básicas que, em caso de ataque, deveriam funcionar em conjunto, cruzando os seus disparos. Na disposição destes quatro pontos centrais, e na conceção dos próprios baluartes, foram conjugados fatores topográficos, geográficos e ambientais: as correntes marítimas, o desnível do terreno, os ventos predominantes, etc. Ainda que, com o passar do tempo, o complexo tenha sido aumentado com novas baterias e o papel das quatro fortalezas essenciais tenha sido alterado, o esquema original não variou na sua base, mantendo a proeminência de quatro pontos: a ilha de Mancera, Corral, Amargos e Niebla.

Os planos superintendidos para o porto de Valdivia, por António de Toledo (filho do Vice-Rei do Perú)

O principal baluarte deste complexo defensivo era a ilha de Constantino, mais tarde apelidada de Mancera. A ilha está localizada no

meio da baía onde desagua o rio e, sobre ela, foi construído o Castelo de San Pedro de Alcântara de acordo com os planos concebidos pelo Engenheiro-mor da Marinha (sic) [o português, natural de Braga] Constantino Vasconcelos. O castelo, construído de pedra, estava armado com quinze peças de artilharia, contendo um fosso e duas torres. No seu interior, albergava, entre outras instalações, uma igreja e dois conventos: um franciscano e o outro agostiniano.

Na denominada Punta de Amargos, no lado sul da foz do rio Valdivia, o Castelo de San Luis de Alba foi construído inteiramente de pedra. Chegou a ter onze peças de artilharia, que, devido à sua localização estudada, conseguiram impedir o ancoradouro de navios inimigos. Encontrava-se isolado do exterior por um fosso, o qual era atravessado por uma ponte levadiça. No interior, para além do quartel e da casa do comandante, havia uma capela⁸⁰.

O forte de Niebla fica na margem norte da foz do rio Valdivia; foi construído sobre escarpas de cançagua com 30 metros de altura, dominando toda a baía e o mar aberto. O seu desenho criativo está bem adaptado à geografia do local. O Forte Corral, a sul da foz, foi completamente remodelado na segunda metade do século XVIII. Constitui uma extensa bateria de frente para o mar, com 24 canhões de altura sobre uma sólida muralha de pedra. As construções interiores desapareceram, assim como as defesas terrestres⁸¹.

80 Os mesmos autores notam ainda: *No final do século XVIII, o bastião foi reforçado e foram acrescentados alguns edifícios construídos em tijolo. Hoje em dia, nada do interior do complexo ainda se encontra erguido, mas a estrutura básica de pedra com as suas peças de artilharia continua a subsistir, tendo sido objeto de vários restauros.*

81 Os dois autores esclarecem, ainda, a este propósito: *Na segunda metade do século XVIII, os engenheiros José Birt e Juan Garland foram encarregados de realizar um plano completo de remodelação e melhoramento das fortalezas. O complexo defensivo de Valdivia passou a consistir em 17 bastiões, incluindo torres de vigia, castelos, fortalezas e baterias. Durante a época colonial, o bastião valdiviano teve um efeito dissuasor eficaz, uma vez que, na realidade, frustrava e desincentivava as incursões das potências rivais. Paradoxalmente, o poder deste reduto defensivo seria posto à prova, não por inimigos europeus, mas por combatentes patrióticos independentistas. A remoção das fortalezas não se deveu a uma fraqueza intrínseca, mas sim ao próprio conhecimento dos patriotas sobre o seu funcionamento, os seus pontos fortes e as suas debilidades.*

O Pe. Guarda, como historiador de Valdivia e da sua região, e o sólido contributo trazido ao estudo da presença do Eng^o. português Constantino de Vasconcelos

O Padre Guarda detetou a existência de 229 unidades fortificadas no Chile; não consta que pelo menos quatro delas tenham ido além do seu planeamento e projeto. Destas unidades, 48 correspondem ao século XVI, 59 ao século XVII e 68 ao século XVIII; ainda no século XIX, cinco foram certamente construídas.

Durante estes quase três séculos, os fortes foram destruídos, trasladados e reconstruídos. Também se deve referir que, até à data, a localização exata de muitos destes fortes não é conhecida. De acordo com o Padre Guarda, 155 destas fortalezas eram interiores, dirigidas contra o inimigo doméstico; enquanto isso 69 encontravam-se localizadas na costa do Pacífico, com o objetivo de se defenderem aqueles espaços contra o inimigo externo.

Também é interessante notar a distribuição geográfica: as zonas mais fortificadas são as de Concepción - Arauco, a zona fronteiriça entre o Chile hispânico e os domínios araucanos, com 88 fortificações, e a zona de Valdivia, com 57 unidades, seguida pelo arquipélago de Chiloé (27) e Valparaíso (9).

Susana Simonetti de Groote

Ángel Cabeza Monteiro

Bibliografía

Fontes:

- AGUIRRE, Frei Miguel, *Población de Baldibia. Motivos y Medios para aquella fundación. Defensas de Reyno de Peru, para resistir las invasiones enemigas en mar y tierra*, Lima, 1647.
- BARBA, Pe. Antonio, *Arte de los metales en que se enseña el verdadero beneficio de los de oro, y plata por azogue*⁸², Madrid, 1640; bem como *Arte de los metales en que se enseña el verdadero beneficio de los de oro y plata por açogue. El modo de fundirlos todos y cómo se han de refinar y apartar unos de otros*, Madrid, 1640 (ed. facs., Valência, 1993).
- PORTOCARRERO, Pedro de León (atrib^a. a), *Descrição Geral do Reino do Perú, em particular de Lima*, estudo e edição de Guillermo Lohman Villena, 1970 [texto da 1^a. metade do séc. XVII com edição em língua portug^a. a partir de 2013]
- RELACIONES *Geograficas de Indias. Publicalas el Ministerio de Fomento. Peru. Al Congreso Internacional de Americanistas de Madrid*, (tomos I-IV), Madrid, oficina de Los Hijos de M. G. Hernández, t. I, 1881; II, 1885; III, 1897; e IV, 1897.

Estudos:

- ASSADOURIAN, C. Sempat, "Base técnica y relaciones de producción en la minería de Potosí", en J. L. Peset, *Ciencia, vida y espacio en Iberoamérica*, Madrid, 1989.
- BARGALLÓ, M. Bargall, *La minería y la metalurgia en la América española durante la época colonial*, México, 1955.
- Idem, *La amalgamación de los minerales de plata en Hispanoamérica colonial*, México, 1969.
- BARNADAS, J. M., Álvaro *Alonso Barba (1569-1662)*, *Investigaciones sobre su vida y obra*. Idem, "Amnesia hispana [A. Alonso Barba] (1569-1662). Otro centenario inadvertido", in *Revista de Occidente*, 94 (1971), pp.. 105-112.
- BORN, I. V., *Über das Anquicken der gold und Silberhaltigen Erze, Robsteine, Schwarzkupfer und Hüttenspeise*, Wien, 1786;
- CARRACIDO, R. Rodríguez, "Los metalúrgicos españoles en América", en *Estudios histórico-críticos de la ciencia española*, Madrid, 1917.

82 Cfr., ainda deste autor e sobre ele (Pe. A. Barba) um mss. in J. M. Barnadas, *Álvaro Alonso Barba (1569-1662)*, *Investigaciones sobre su vida y obra*, La Paz, Biblioteca Minera Boliviana, 1986; e "Un libro inédito. Las adiciones y rectificaciones al Padre Barba", in *Boletín de la Sociedad Geográfica de Sucre*, t. XIV, 158, 159, 160 (Sucre, 1913)

- FERNÁNDES, M. R. García, *Encuentro con Álvaro Alonso Barba (1569-1662), ilustre meta-lúrgico “de la villa de Lepe en la Andalucía”*, Lepe, 1997.
- FIGUEROA, R.- Ver E. R. MAFFEI.
- GÓMEZ, J. Sánchez, “La Técnica en la producción de metales monedables en España y en América, 1500-1650”, in J. Sánchez Gómez, G. Mira Delli Zotti e R. Dobado, Salamanca, 1997.
- GONZÁLEZ, T., *Registro y relación de minas de la Corona de Castilla*, Madrid, 1832. GREVE, E., *Historia de la amalgamación de la plata*, Santiago de Chile, 1943.
- GUZMÁN, J., “Alonso Barba. En el III Centenario de la publicación de su *Arte de los Metales*”, in *Razón y Fe*, CXX (1940), pp. 110-118.
- HAUSBERGER, B., *La Nueva España y sus metales preciosos. La industria minera colonial a través de los libros de cargo y data de la Real Hacienda, 1761-1767*, Frankfurt-Madrid, 1997.
- MACHICADO, H. Vázquez, “En torno a la Alquimia del Padre Barba”, in *Universidad de S. Francisco Xavier (Sucre)*, XVI (1951), pp. 362-381.
- MAFFEI, E. Rúa e FIGUEROA, R., *Apuntes para una biblioteca española de libros y folletos y artículos impresos y manuscritos relativos al conocimiento y explotación de las riquezas minerales y ciencias auxiliares*, Madrid, 1871-1872 (reed. facs. en Madrid, 1970).
- MELERO, J. Pérez, “Como nunca antes se ha conocido en estas minas”. Cambio tecnológico en las minas de Riotinto (tese niversitária), Salamanca, 1998.
- MUÑOZ, J. E., *Álvaro Alonso Barba. Primer mineralogista boliviano*, Quito, 1963.
- PAOLO, “Il metalurgista spagnolo Álvaro Alonso Barba, da villa Lepe (1569-1662)”, in *Archivio di Storia della Scienza*, III (1922).
- PIÑERO, J. M. López, T. F. Glick, V. Navarro Brotóns y E. Portela Marco, *Diccionario histórico de la ciencia moderna en España*, Barcelona, 1983; F. Sonneschmidt, *Tratado de la Amalgamación de Nueva España*, México, 1983.
- PORTOLÉS, J. L. Amorós, “Notas sobre la historia de la Mineralogía y Cristalografía. IV. La Mineralogía española en la época del Barroco: Alonso Barba”, in *Boletín de la Real Sociedad de Historia Natural. Sección Geológica*, LXI (1963), pp. 167- 186.
- RIVA-AGUERO, José de la, “Descripción anónima del Perú y de Lima a principios del siglo XVII compuesta por un judío portugués y dirigida a los Estados de Holanda”, *Congreso de Historia y Geografía Hispano-Americanas. Actas y Memorias*, Madrid, 1914 (em particular in p. 383).
- ROA, Alfredo Palacios, “Pedro de León Portocarrero y su breve descripción del Reino de Chine”, *Temas Americanistas*, 28 (2012), pp. 42-51.
- SERRANO, C., “Transferencia de tecnología y relaciones de intercambio. Caso de estudio: la amalgamación y las escuelas de minería en la colonia”, in Figueroa y M. López (eds.), *Geological Sciences in Latin America: Scientific Relations and Exchanges*, Campinas, 1994.

- SOLER, C. Salazar, "Magia y modernidad en las minas andinas: mitos sobre el origen de los metales y el trabajo minero", en H. Urbano (ed.), *Tradición y modernidad en los Andes*, Cusco, 1992.
- Idem, *Diccionario de términos mineros para la América española (siglos XVI-XIX)*, París, 1993.
- Idem, "Álvaro Alonso Barba: teorías de la antigüedad, alquimia y creencias prehispánicas en las ciencias de la tierra en el Nuevo Mundo", in *Entre dos mundos: fronteras culturales y agentes mediadores*, Sevilla, 1997.
- SOLIS-COHEN, Bertha, "Benjamin Franklin defends Northwest passage navigation", in *The Princeton University Library Chronicle*, vol. 19, nº. 1, 1957, pp. 15-33.
- VILLENA, Guillermo Lohmann, *Las minas de Huancavelica en los siglos XVI y XVII*, Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1949, p. 465;
- Idem, *Las defensas militares de Lima y Callao*, Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1964, p. 120;
- Idem, *Les Espinosa, une famille d'hommes d'affaires en Espagne et aux Indes à l'époque de la colonisation* (em particular o capítulo VII, "Le financement de la conquête du Pérou"), pp. 203-220), Paris, SEVPEN, 1968;
- Idem, Discrição General del Piru, Madrid, *Revista de Indias*, Bustamante; 1970, edição e estudo (Boleslao Lewin tinha já editado este texto em 1958, mas considerando-o de autoria desconhecida).
- Idem, "La minería en el marco del virreinato peruano. Invenciones, sistemas, técnicas y organización industrial", in *La minería hispana e iberoamericana, Actas del I Coloquio Internacional sobre historia de la minería*, León, 1970.

